

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

ANO 04 | NÚMERO 08 | NOVEMBRO DE 2022

IGREJA PÓS-PANDEMIA



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA

Preparando Vidas para servir o Reino de Deus

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844

Ano 04 | Número 08 • 2022

PRÁXIS MISSIONAL

Ano 04 | Número 08 • 2022

Dossiê: Igreja pós-pandemia

Editores chefe: Jacqueline Ziroldo Dolghie / César Augusto Flora

Conselho consultivo: Jorge Henrique Barro / William L. Lane / Marcos Orison
/ Wander de Lara Proença / Antonio Carlos Barro

Design gráfico: Daniel Menara

Diagramação: Mauro S. R. Teixeira

Conselho de Referência:

Alan Brizotti

Antonio Carlos Costa

Armando Bispo

Magali N. Cunha

Márcio C. Leal

Maurício Cunha

Robinson Jacintho

Ruth Padilla Deborst

Sérgio Queiroz

Timóteo Carriker

Valdir Steuernagel

Wilson Costa dos Santos

Uma publicação da Faculdade Teológica Sul Americana

A Revista Práxis Missional visa contribuir com a prática cotidiana da Missio Dei (missão de Deus) e dos múltiplos ministérios do povo de Deus, priorizando temas relacionados à Teologia Prática (em suas vertentes missional e pastoral), em sua vocação de construir pontes entre uma teologia bíblica e contextual, mais formalmente elaborada, e a prática missionária e ministerial da Igreja e dos cristãos. Prioriza ainda o diálogo com abordagens que reflitam de modo prático sobre problemáticas que envolvem a vida da igreja brasileira e latino-americana.

Correspondência

Editora FTSA

Rua Martinho Lutero, 277 - Londrina-PR - 86055-870 - Tel./Fax: (43) 3371-0200

Endereço eletrônico: contato@praxismissional.com.br

Página na internet: www.praxismissional.com.br

SUMÁRIO

EDITORIAL

IGREJA PÓS-PANDEMIA

POR CÉZAR FLORA / RUBENS MUZIO.....05

ARTIGOS

O QUE EXATAMENTE É A IGREJA?

POR RUBENS MUZIO.....08

O MUNDO E A IGREJA PÓS-PANDEMIA

POR SANDRO R. BAGGIO.....21

UMA REFORMA DIGITAL NA IGREJA PÓS-PANDEMIA

POR MARCOS SIMAS.....31

AS DUAS DIMENSÕES DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ PÓS-PANDÊMICA

POR MAURÍCIO ZAGARI.....45

TONS DE UMA ECLESIOLOGIA FRAGILIZADA

POR ANDRÉ BORGES / EDER CALADO / CÉZAR FLORA / VALDERLY ARGUELIS
CEZAR.....60

IGREJA PÓS-PANDEMIA

O ano de 2020 entrou para a história. Sem fazer distinções, o vírus ameaçou a todos. Porém, embora todos tenham caído na mesma tormenta, as formas de enfrentamento foram distintas. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que colocou todos em risco, escancarou diferenças – que, em algumas situações, tornaram-se abismos. Essa situação não foi diferente para as igrejas. Se todas foram atingidas, as respostas foram distintas. No entanto, para além do vírus, outros fatores se fizeram presentes, esgarçando as relações intra e intercomunitárias. Se antes da pandemia não era possível falar de “uma” igreja brasileira, pois essa sempre foi plural, muito mais agora. De estratégias de enfrentamento, algumas das posições assumidas tornaram-se bandeiras de distinção.

Desde o primeiro momento, diversas reflexões foram empreendidas. Tanto sobre as medidas necessárias de enfrentamento, quando sobre os possíveis resultados dessas medidas. Porém, como em qualquer tema, a passagem do tempo permite novas considerações e ponderações sobre o que foi e seus significados para o futuro. O título dessa edição, *Igreja pós-pandemia*, não tem por objetivo marcar o fim dos tempos pandêmicos, mas pensar sobre as inúmeras questões para as quais as igrejas precisam se atentar, a fim de serem fiéis a sua vocação de povo de Deus. Pensando na vida comunitária, a pergunta poderia ser formulada nos seguintes termos: quais são as implicações eclesiológicas trazidas pela pandemia?

Em primeiro lugar, pensar as implicações da inserção do digital. As igrejas que já contavam com uma estrutura pronta para transmissão de seus cultos, ou que já exploravam de forma efetiva o digital como ferramenta institucional saíram na frente. Luz, câmera e ação. No entanto, para muitos, nada mais que uma câmera de celular. Quanto à inserção do digital, a pandemia apenas acelerou um processo em andamento. Mas, que ambiente é esse que as igrejas se viram obrigadas a entrarem. Simas, em seu artigo *Uma reforma digital*, discorre sobre as particularidades do ambiente digital, pontuando tanto as suas potencialidades quanto as suas armadilhas, principalmente em relação aos algoritmos que, na medida em que buscam fidelizar consumidores acabam por criar bolhas sociais.

Em segundo lugar, pensar os efeitos e desafios da polarização. Acima mencionamos que outros fatores, para além do vírus, potencializaram a criação de alguns abismos. Dentre esses fatores, a política. Conforme pontua Baggio, em seu artigo *O mundo e a Igreja pós-pandemia*, a polarização já vinha dando sinais pelo mundo afora, mesmo antes da pandemia. Porém, o vírus a acentuou ainda mais. No Brasil, a polarização que ganhou corpo ao longo da pandemia implicou profundamente nas eleições presidenciais de 2022. E essa polarização também fustigou a igreja. Em seu artigo, Baggio contribui para essa reflexão indicando caminhos para a atuação da igreja frente as particularidades de mundo “pós” pandemia.

Em terceiro lugar, pensar as implicações para a espiritualidade. Quanto ao impacto na dimensão interna da espiritualidade, Zagari, em seu artigo *As duas dimensões da espiritualidade cristã pós-pandêmica*, pontua que a pandemia não diminuiu a maldade humana, nem alterou o potencial humano de fazer o bem. Ou seja, não houve alteração do status geral da humanidade desde a criação. Porém, no que se refere aos impactos na dimensão externa, o autor pontua os maiores desafios que nos levam pensar sobre a liturgia numa era tecnológica, o papel do edifício e as consequências de uma outra pandemia, a da solidão. Assim, a construção de relações saudáveis, fortes e significativas precisa ser um dos fatores determinantes de qualquer reflexão.

Em quarto lugar, uma reflexão eclesiológica. Rubens Muzio, em seu artigo *O que exatamente é a igreja*, chama atenção para as dimensões que precisam ser balanceadas na vida de qualquer igreja local, independente de suas estratégias de atuação: a comunhão, a proclamação, o serviço e o testemunho. Conforme o autor, embora as respostas da igreja possam ser múltiplas, uma igreja saudável deverá buscar um equilíbrio entre essas áreas, a fim de ela não se volte apenas para si, comprometendo a sua identidade e vocação.

Por último, Borges et al. propõem uma reflexão crítica sobre certas respostas ofertadas por algumas comunidades, fortemente viesadas com fatores políticos. Em *Tons de uma eclesiologia fragilizada* os autores pontuam questões

sociais brasileiras, que não são de hoje, mas que, de certa forma, foram intensificadas pela pandemia. Assim, com esse ponto de referência, avaliam certas respostas apressadas e superficiais.

Esperamos que você aprecie a leitura dos textos aqui selecionados, e que eles possam contribuir com direcionamentos e reflexões relevantes para os desafios pastorais do nosso tempo.



Cezar Flora é Bacharel e Mestrando em Teologia pela FTSA; Graduado em Teologia e Filosofia; Professor da Faculdade Teológica Sul Americana.

Contato com o autor: cezar.flora@teologia.com.br



Rubens Muzio é doutor em teologia pastoral, professor da FTSA e missionário da Sepal.

Contato com o autor: rubens@ftsa.edu.br



Práxis 08 (2022) 08-20

O QUE EXATAMENTE É A IGREJA?

Por Rubens Muzio

O QUE EXATAMENTE É A IGREJA?

INTRODUÇÃO

Nesta edição da *Praxis* todos os artigos refletirão sobre o papel da igreja pós-pandemia. Neste primeiro artigo, falarei sobre o seu propósito e finalidade no mundo contemporânea. É evidente que quando pensamos na igreja, estamos falando de algo mais do que uma denominação histórica, um prédio, um clube, um grupo social nas casas ou célula de estudo bíblico. Por outro lado, a igreja como instituição, preocupa-se com doutrinas e procedimentos, tem história, herança e tradições, prédios e departamentos. A igreja como comunidade é espaço de apoio, pertencimento, família, fraternidade. A igreja também é lugar de adoração e liturgia, com celebração, bandas de louvor e apresentações musicais. E a igreja tem uma missão, está preocupada com a evangelização das cidades mais carentes e o alcance os povos não alcançados. Portanto, a igreja existe em relação a todos estes significados, não está contida completamente em qualquer um deles, sendo mais abrangente que todos eles juntos.

A pandemia não mudou o fato de que é a comissão primária da igreja é abençoar o nosso país, no sentido de que ele experimente os valores de amor, justiça e paz do reino de Cristo. Jesus ordena à sua igreja que pregue o evangelho do reino (Lc 4.43) e discipule as nações (Mt 28.18). O formato e a substância da era futura vêm até a realidade concreta no meio dos discípulos de Cristo. Karl Barth referia-se a este aspecto da igreja como “a demonstração provisional de Deus da sua intenção para toda a humanidade”¹. Sua vida, portanto, deve ser moldada pela visão do seu Cabeça de “fazer discípulos de todas as nações” (Mt 28.19). Os anjos celestiais reiteram este fato de uma outra maneira ao dizer “o reino deste mundo se tornou de nosso Senhor” (Ap 11.15). E a igreja, apesar de presente, é também futura. Jesus disse: “edificarei a minha igreja...” (Mt 16.18). Jesus está dizendo que a iniciativa é de Deus, o crescimento vem dele; a missão é *missio dei* e a igreja sua propriedade singular. Como a igreja não tem vitalidade alguma fora

¹ BARTH, Karl. *Apud* Harvey Cox, *The Secular City* (New York: Collier Books, 1990), 125.

de Cristo, o cabeça da Igreja, ela não tem outro propósito além do Seu propósito. Sua identidade, portanto é gerada a partir do próprio Senhor. A vitória final também está garantida!

Assim, a igreja local não foi chamada para ter a finalidade e significado em si mesma. Pelo contrário, “igreja” é uma palavra que simboliza um grupo de pessoas cujos projetos e estruturas funcionam de acordo com os propósitos e planos para os quais Deus a chamou para existir. Fazemos parte de uma realidade presente, mas também pertencemos a uma comunidade escatológica, uma comunidade *que será, que virá a ser*. Como comunidade focada na esperança escatológica, ela se organiza de acordo com a visão do reino de Deus que ainda há de vir. Fazemos parte de um corpo que se move inexoravelmente em direção à sua própria plenitude, avançando em estágios. Tendos ao invés de templos descrevem melhor o seu desenvolvimento enquanto ela se move no tempo. À medida que a igreja demonstrar esta nova realidade dentro da comunidade onde se localiza, ela será bem-sucedida na tarefa de ser abençoadora para a sociedade contemporânea.

A essência e propósito brevemente explanados acima, nos leva a questões da sua *práxis* e práticas ministeriais: O que a nossa igreja local faz que deveria parar de fazer e o que ela não faz que deveria fazer? O restante deste artigo tratará de quatro funções que nos ajudarão a responder estas questões; 4 áreas que necessitam estar balanceadas, em equilíbrio na igreja local: *koinonia*, *kerigma*, *diakonia*, e *marturia*.

1. *Koinonia* / Comunhão

Em o Novo Testamento, a palavra grega para comunidade é *koinonia*, uma comunidade de homens e mulheres que creem em Jesus Cristo como Salvador e Senhor de suas vidas. Na união com Cristo, concretizada pela fé, os cristãos foram indissolúvelmente incorporados nesta comunidade. De uma maneira simbólica, a Bíblia fala da comunidade de discípulos como sendo membros do corpo de Cristo. Ele é o cabeça (Ef 1.22). Isto é autenticado pela presença do Espírito Santo em todos os membros e na comunidade inteira. Em união com o Cristo ressurreto, a vida e poder de Cristo são compartilhados pelo

Espírito com todos os seus membros. Existe somente um corpo, pois Cristo “destruiu a barreira, o muro de inimizade” (Ef 2.14) – não há mais judeus ou gentios, homens ou mulheres, escravos ou libertos. Todos em Cristo se tornaram um com Ele e com os outros. Este conceito de comunidade é fundamental para a nossa compreensão da identidade da igreja e não deve ser sacrificada ao reducionismo por causa dos desafios contemporâneos. Esta comunidade está fundamentada no amor. Jesus nos ordena que amemos uns aos outros como Ele nos amou.

É claro que a questão é: “como os cristãos podem estar em unidade quando há uma série de razões para a diversidade?” Eu morei em Toronto, Canadá, por alguns anos e experimentei a vida numa cidade cosmopolita e globalizada, onde mais de 600 línguas eram faladas nas ruas, entre cerca de 140 grupos étnicos. Nas salas de aulas que meus filhos frequentavam era comum verificar entre 20 estudantes a presença de pelo menos 10 línguas diferentes. O fracasso de muitas igrejas de alcançar uma integração racial e social silencia a mensagem de paz em comunidades urbanas, digitais e culturalmente pluralistas. Cada vez mais, as igrejas falam da boca para fora de sua universalidade, mas se mostram como grupos etnocêntricos e exclusivos. Ajith Fernando, um respeitado líder e estudioso asiático, em sua exposição sobre Efésios 2.13-16 a respeito de como a cruz quebra as barreiras das diferenças e divisões, escreveu:

O preconceito tem sido um problema porque todos estamos embebidos dos preconceitos de nosso meio, onde se afirma ser um grupo superior a outro. Vindo de uma nação na qual a tensão étnica tem causado muito caos, posso dizer que, mesmo com respeito aos cristãos, os nossos preconceitos estão entre as últimas coisas que o processo de santificação toca. Os preconceitos podem dizer respeito à raça, classe, casta ou a outro destes fatores terrenos que não são significativos na visão de Deus. Aqueles que afirmam que não são preconceituosos são normalmente os mais preconceituosos. E algumas vezes, os que afirmam ser cristãos crentes na Bíblia são os mais antibíblicos com respeito a este assunto. (AJITH, 1995, p. 198-9)²

² Ajith Fernando, *The Supremacy Of The Cross* (Illinois: Crossway Books, 1995), 198-199.

A unidade dos cristãos é essencial para o seu testemunho e o poder da sua mensagem pós-pandemia. Essa unidade não está baseada na uniformidade, mas na diversidade. A imagem que Paulo tem da igreja reflete o mistério, a multiforme sabedoria de Deus, que é brilhante como as cores do arco-íris e variada como as múltiplas cores de um campo de flores (Ef 3.10). A igreja tem muitas partes como um corpo, mas é um só corpo (1Co 12). O lema da Assembleia da Aliança Evangélica de 1783 em Nova Iorque era: *In Necessariis Unitas; In Dubiis Libertas; In Omnibus Caritas*. Isso pode ser traduzido como: *nas questões essenciais, unidade; nas não-essenciais, liberdade; em todas as outras, caridade*. Unidade e cooperação funcional estão baseadas em um núcleo irreduzível mínimo de crenças, num núcleo doutrinário bem definido dos quais eu incluiria a Trindade, a deidade de Jesus Cristo, o amor de Deus pelo mundo, a salvação na cruz de Cristo e a vida eterna.

Cristãos precisam ser modelo de reconciliação e paz antes que possa sequer falar de reconciliação, paz ou participar de qualquer mediação significativa nos conflitos sociais. Reconciliados com Deus e uns com os outros em Cristo, nós recebemos o ministério da reconciliação (2 Co 5). Este ministério, para que seja efetivo, requer uma demonstração prévia de realidade – a unidade da igreja – antes que possa sequer falar de reconciliação ou participar de qualquer mediação significativa em conflitos. A unidade não precisa ser uma unanimidade de crenças, embora as igrejas locais, normalmente, estão divididas por causa de personalidade, cultura, denominacionalismo e doutrinas. Há um nível elevado de conflitos nas relações humanas e não me parece que isso é diferente nas igrejas. Usamos da manipulação verbal e do abuso do poder em nossas organizações. Punimos as pessoas com palavras e fazemos comentários ferinos com aqueles que trabalham conosco. Instigamos outros a cometerem erros com ordens contraditórias, usamos comportamentos sádicos e impomos exigências emocionais excessivas sobre amigos, familiares, cônjuges. A falta de amor nos impede de respeitar os limites do outro. Como falar em resolução de conflitos se não sabemos lidar com nossas diferenças? A igreja é o local onde deveríamos lutar para vencer a hostilidade, superar a inimizade, buscar a paz e trabalhar por relacionamentos mais pacíficos e harmoniosos. Abaixo apresento algumas sugestões:

1. Lembre-se todo o tempo que somos irmãos e irmãs na fé e que Deus nos ama a todos igualmente
2. Comprometa-se a ouvir atenta e respeitosamente quando outro irmão estiver falando, evitando interrupções ou respostas imediatas.
3. Evite uma postura de adversários. Ao invés disso, busque resolver problemas e fazer o que for o melhor para a comunidade de fé
4. Concorde em receber e ponderar sobre as novas informações e objetivos que possam ajudar a melhor compreender a situação
5. Tente focar e discutir os temas em debate, evitando ataques pessoais e dispersando comentários acerca das atitudes e perspectivas dos outros
6. Concorde com uma comunicação direta, evitando triangulações (fulano falando com beltrano ao invés de diretamente com o ciclano com quem não concorda e A reclamando de B para C) e falando por trás sem que a pessoa esteja presente para se defender.
7. Confie que Deus está trabalhando e pelo Espírito Santo o capacitará a encontrar alternativas criativas para que todos cheguem num consenso sem que ninguém precise renunciar às suas convicções centrais e valores-chaves.

Essas são apenas algumas diretrizes iniciais de engajamento e busca da paz dentro da função primordial da unidade da igreja. Precisamos aprender do *ubuntu* da África, que significa “eu sou porque nós somos”, no qual a individualidade é também definida pela sua comunidade. É por isso que precisamos encorajar os cristãos a desenvolverem comunidades multirraciais e interdenominacionais (ou não-denominacionais) como testemunho da Nova Criação em Cristo.

2. Kerigma / Proclamação

A palavra grega usada para o conceito de proclamação no Novo Testamento é *kerygma* ou simplesmente “mensagem”. *Kerigma* é outra marca indispensável

de uma comunidade de discípulos de Jesus. Os Evangelhos iniciam dando destaque a mensagem pregada por João Batista: ... *está próximo o reino dos céus* (Mt 3.2). Jesus declara ter sido enviado para anunciar “o Evangelho do reino de Deus” (Lc 4.43). A igreja tem uma história a contar. Na linguagem comum dos cristãos, a história do Reino é que Deus já derrotou o mundo e a maldade em Jesus, possibilitando que homens e mulheres se tornassem “herdeiros” do Criador, filhos de Deus pela graça do amor. João nos fala claramente que *aos que o receberam, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus* (Jo 1.12). Agora há descanso, paz, restauração e redenção pela fé nele. A batalha decisiva teve lugar na vida e morte de Cristo no Calvário. Jesus é Rei, Senhor e Salvador do Universo! A igreja vive essa história. Sempre que o Evangelho do Reino é pregado, a questão do sentido e significado último da história humana é exposto. O senhorio de Cristo não se resume apenas no seu domínio sobre a vida dos crentes, mas também tem implicações sociais e políticas e proporções cósmicas e universais.

No entanto, o que constitui a proclamação? O conteúdo da proclamação cristã é Jesus Cristo. A proclamação do Evangelho feita por Paulo focalizava a pessoa de Cristo (Gl 1.16) e, mais especificamente, o Cristo crucificado e ressurreto dos mortos (1Co 1.23; 15.23). A dimensão *kerygmática* do Novo Testamento se focaliza em Jesus como Senhor, Cristo e Salvador. A existência da igreja é definida no recriar, reviver, re-encarnar e re-dramatizar esta história da vida, morte e ressurreição de Jesus. McGrath insiste que

a Cristologia desempenha um papel decisivo na teologia e reflexão espiritual evangélicas, e fornece à teologia evangélica tanto a sua coerência intelectual quanto o seu foco evangelístico e espiritual. A questão “quem é Jesus Cristo?” é, desta maneira, determinante para todo o empreendimento teológico evangélico (MCGRATH Alister McGrath, *A Passion For Truth* (Illinois: InterVarsity Press, 1996), 135

A centralidade da cruz de Cristo tem sido por muito tempo um tema de destaque na teologia e espiritualidade evangélicas. Portanto, Cristo se torna a chave para se entender a história. O sucesso não se encontra por detrás do projeto pessoal, prédios construídos ou programas ministeriais.

O crescimento da igreja local ou desenvolvimento ministerial não é mero fruto do planejamento estratégico e trabalho duro. O sentido não está nos resultados, no processo ou na estrutura em si, mas que a história encontrará o significado que Deus deu a ela em Cristo Jesus. O Evangelho nos chama de volta à verdadeira chave, segredo da história: Jesus.

A proclamação dessa mensagem tem basicamente duas direções. Primeira, o Evangelho deve ser *proclamado na igreja*. Somos informados de que a igreja é feita de joio e trigo (Mt 13.25, 30, 36), existem ovelhas e bodes no rebanho (Mt 25.32). O joio e o trigo crescerão juntos. A mensagem continuará a ser um ministério necessário dentro da igreja. De fato, na igreja existem “igrejeiros”, “consumidores”, participantes, interessados e também existem alguns cristãos. Segunda, a confissão *kerygmática* “Jesus é o Senhor” também implica obrigatoriamente num movimento para fora, em direção ao mundo. “Jesus é o Senhor” significa “Jesus é o Senhor do mundo”. Reconhecemos que o Reino reconciliador é um Reino universal que abraça todas as etnias e países. Não podemos viver no exclusivismo e nos furtarmos do fato de que confessar que Jesus é o Senhor a faz voltar-se em grande escala para a sua própria universalidade – um movimento para fora, em direção às nações.

A mensagem de Cristo exigirá a nossa resposta de fé. Ela deve ser alimentada dentro da comunidade da igreja através da qual o crente encontra uma família, cresce em conhecimento da sua palavra, desenvolve os seus dons e serve a Deus no mundo. Esta resposta se desenvolve num relacionamento de união com Cristo. As pessoas não estão procurando melhores argumentos sobre a existência de Deus ou sobre a veracidade do cânon! Elas estão procurando demonstrações nas pessoas, aprendizes de Jesus, que pensem e vivam como Ele. Dietrich Bonhoeffer, teólogo-pastor-espião, enforcado durante a segunda guerra, costumava dizer que muitos cristãos se juntaram como urubus ao redor da carniça da graça barata e beberam o veneno que matou o discipulado de Cristo. No centro do discipulado, está o sofrimento e morte do discípulo. A essência da pregação cristã deve ser a proclamação da morte, ressurreição e exaltação de Jesus, que leva à apreciação e aceitação de sua

pessoa como Senhor e Cristo, confrontando as pessoas com a necessidade de perdão dos seus pecados e sua aceitação como filhos de Deus. O mundo está para ver o que Deus pode fazer através deste tipo de comunidade que viva a mensagem do evangelho de misericórdia, amor e justiça de Deus.

3. Diakonia / Serviço

A palavra grega *diakonia* pode simplesmente ser traduzida por “serviço”. A ideia básica vem de “servir mesas”, mas acabou sendo usada de maneira geral para serviço, comumente para tarefas domésticas. Lucas, por exemplo, registra um arranjo primário da igreja em Jerusalém pelo qual os líderes serviam comida às viúvas e aos necessitados em comunhão (At 6.1). Os discípulos, que começaram a operar milagres, curar os enfermos e tratar dos necessitados, já não podiam cuidar devidamente do trabalho diaconal. Desenvolveu-se um novo modelo de ministério – o diaconato. Esse aspecto do discipulado cristão espalhou-se rapidamente; Lucas fala de Dorcas, cujo serviço de diaconia era valorizado pelos discípulos de Jope. Os pobres não podiam ficar sem as roupas que ela fazia. Pedro foi convocado para vir de Lida, a fim de fazê-la reviver (At 9.36-42). Paulo apresenta a diaconia como um ministério maduro e multifacetado, ao escrever aos coríntios, por exemplo, que o Espírito Santo distribui várias diaconias - ministérios de discipulado (1Co 12.5). Os cristãos compartilhavam as suas posses uns com os outros de forma que ninguém estivesse passando por necessidade (At 4). Quando a fome atacou a Palestina, a igreja em Antioquia contribuiu para as necessidades da irmandade (At 11). A igreja primitiva, portanto, era uma comunidade diaconal como um todo.

A palavra “*diakonia*” expressa muito bem ambos os conceitos de amar e servir. O sentido dela *não pode se limitar aos diáconos como* pessoas eleitas para cargos, distribuir boletins, carregar cadeiras e cuidar dos templos. A concepção de João Calvino sobre a diaconia tinha dois aspectos: *pietas* (piedade, devoção ou obrigações, deveres de piedade; algumas vezes, fé, adoração/culto) e *caritas*, (amor ou obrigações de amor). Infelizmente, a igreja pós-reforma enfatizou muito mais a dimensão interna da diaconia,

a *pietas*. E isso produziu uma comunidade cúlrica, autocomplacente sem relevância comunitária e despreocupada com as questões sociais. Quando a igreja não tem função social, ela deixa de ser igreja.

A busca pelo equilíbrio do serviço a Deus (*leitourgia*, adoração) e do serviço ao próximo (*diakonia*, amor) é crucial. Uma boa parábola bíblica é a do Bom Samaritano. O samaritano ajudou seu próximo em necessidade (a pessoa em necessidade que está perto ou que é conhecida por você) não apenas com comida e medicamentos. Ele ajudou até que o homem estivesse de pé, capaz de cuidar de si mesmo. O equilíbrio é claro nas palavras de Cristo: “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de todas as suas forças... ame o seu próximo como a si mesmo”! A vida cristã tem dois focos inseparáveis: Deus e o próximo.

A Grande Comissão (Mateus 28) deve ser acompanhada pela Grande Compaixão (Mateus 25) em atos como alimentar o faminto, cuidar do estrangeiro e do refugiado, vestir os que estão nus, visitar os prisioneiros. A imagem da igreja em Mateus 25 é a de mordomos prestando contas a seus mestres. No papel de servos, Jesus não fala de discípulos julgados com base em boa conduta, sacrifício, vida religiosa, liturgia, teologia ou constituição racial. Eles são julgados pelo que fizeram ou deixaram de fazer por aqueles de seu mundo que estavam em evidente necessidade. São julgados com base em sua diaconia como servos do Mestre, que deu a vida em resgate por muitos. Isso nos fornece o real sentido do novo mandamento de “amar uns aos outros”. A diferença entre intenção e a prática disso é descrita em 1Jo 3.17,18: *Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade.* De fato, podem-se levantar muitas possibilidades de ação social quando se contempla a Bíblia com seriedade.

O serviço cristão deve penetrar em cada camada da sociedade contemporânea. Harvey Cox destaca que *diakonia* realmente se refere ao ato de curar e reconciliar, cuidar das feridas e superar as diferenças, restaurando a saúde

ao organismo. Este alargamento do significado é necessário. Mas isso também significa que, curar trata de “reunir em um todo, restaurando a integridade e a mutualidade das partes. Para que possa ser curadora, a igreja precisa conhecer as feridas da cidade em primeira mão” (Cox, p. 115). Isto requer que a igreja viva entre as pessoas na comunidade, imersa em suas realidades, tendo empatia com as suas necessidades e trabalhando com elas para otimizar as bênçãos do reino.

Portanto, a nossa preocupação não deve ser apenas com a proclamação da graça salvadora de Deus, mas também com a *diakonia* e a promoção da graça comum de Deus no mundo. Jesus disse que Deus “*faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos*” (Mt 5.45). A igreja deve participar na vida, conflitos, temores e esperanças da sociedade de tal maneira que estas expressões concretas do amor de Deus contribuam eficazmente para o alívio da dor humana e desagregação das condições sociais que mantêm essas pessoas na pobreza, impotência e opressão. Se a vida física é uma pressuposição necessária para a proclamação do Evangelho, então a igreja deve trabalhar com toda a humanidade e com estruturas que preservem a vida e a dignidade humana. Governo, escolas, comércio e mercados públicos são áreas legítimas para o envolvimento cristão transformacional. Além disso, deve ser feita como se fosse para o Senhor Jesus e motivado pela glória de Deus.

4. Marturia / Testemunho

A palavra grega para testemunho é *marturia*, palavra empregada de maneira mais ampla para testemunha oficial de fatos, ou declaração de um fato ocorrido como testemunha ocular. Os “mártires”, testemunhas de Cristo, foram pessoas *martirizadas*, perseguidas, apedrejadas ou lançadas aos animais no grande Coliseu. Ser testemunha é algo mais amplo e complexo que a conversão inicial de “aceitar Jesus”, da pregação moderna. Jesus disse: *vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei com vocês, até o fim dos tempos*” (Mt 28.19-20). O chamado para conversão

prescrevia o discipulado: arrependei-vos, pois está próximo o reino de Deus, você foi chamado para uma vida transformada, com mente e coração radicalmente diferentes.

Portanto, para além da proclamação oral do Evangelho existe a necessidade dos crentes tornarem-se cristãos adultos, aprendizes, semelhantes a Jesus Cristo. Este é o início do discipulado. Paulo fala da meta que o crente deve ter de ser maduro (Ef 4.13). E ele ainda exorta veementemente: *tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo* (1Co 11.1). Suas palavras parecem sugerir que ser um cristão é entrar num relacionamento tão íntimo e profundo com ele que os crentes, de certa forma, começarão a imitá-lo em consequência deste relacionamento. A tarefa principal de fazer discípulos nunca foi plantar igrejas e construir grandes templos. A evangelização se une à ética cristã, aplicando-se à sociedade contemporânea: viver como discípulos de Cristo, obedientes a todas as instruções de Jesus. Imitação é desta maneira, o fruto, e não uma condição prévia, da fé. Tornar-se um cristão é um longo processo de se amoldar a Cristo, de dentro da alma, no nível dos pensamentos, sentimentos, inclinações para fora das ações, palavras e decisões.

Além do nosso chamado para a salvação, o chamado de Deus inclui vocações específicas. Alguns dentre nós serão professores ou políticos, outros negociantes, engenheiros ou advogados e assim por diante. Algumas vocações serão acadêmicas enquanto outras serão donas de casa. Alguns se tornarão fazendeiros e outros pescadores. O importante é compreender que todos nós temos uma vocação e devemos exercê-la com grande diligência e excelência. Pense na influência de Cristo através dos cristãos no desenvolvimento da civilização ocidental! O alcance desta influência se estende desde os fundamentos da democracia, indo até a ética social, a economia de livre mercado, a ciência, a educação. Cada crente, cada família, cada igreja precisa assimilar o Evangelho integral. A visão de toda a igreja deveria ser o trabalho, ao lado de Deus, de colocar toda a comunidade e todo o país sob seu domínio e cuidado, de maneira que haja paz social, justiça e retidão. A igreja missionária deve funcionar de acordo com o propósito

para o qual Deus a chamou para ser - transformadora da comunidade - no sentido de que ela reflita os valores de um Evangelho integral. Precisamos recuperar a integralidade da nossa vocação.

Conclusão

Uma igreja saudável pós-pandemia precisa buscar o equilíbrio entre todas as quatro ênfases, considerando o que faz, o que deveria parar de fazer e o que não faz que deveria fazer, não agindo unilateralmente ou focalizando somente um ou dois aspectos tratados:

Koinonia - a demonstração do caráter da nova humanidade e comunidade em Cristo;

Kerygma, a proclamação do Evangelho que chama ao arrependimento e à fé em Cristo;

Diakonia, reconciliação, cura e outras formas de serviço em amor, e

Marturia, testemunho, discipulado e missão da igreja

A ausência da diaconia (serviço), do kerigma (proclamação) ou da martiria (testemunho), pode significar que a igreja se voltou para dentro de si mesma a tal ponto que não há mais o tipo de koinonia (comunhão) de que Jesus falou. Não podemos esquecer que todas as pessoas saberão se os discípulos amam uns aos outros dentro da igreja, porque esse amor deve ser externado.



Autor: Rubens Muzio é doutor em teologia pastoral, professor da FTSA e missionário da Sepal.

Contato com o autor: rubens@ftsa.edu.br.



[Práxis 08 (2022) 21-30]

O MUNDO E A IGREJA PÓS-PANDEMIA

Por Sandro R. Baggio

O MUNDO E A IGREJA PÓS-PANDEMIA

INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020 a OMS declarou a Covid-19 como pandemia. Duas semanas antes, o vírus Sars-CoV-2 que havia contaminado pessoas num mercado de animais na cidade de Wuhan, China, em dezembro de 2019, teve sua circulação detectada no Brasil. A rapidez com que o vírus se espalhou pelo mundo foi impressionante, sufocando os sistemas de saúde com internações por pneumonia e deixando um rastro crescente de óbitos. Em pouco tempo, o vírus fazia vítimas cada vez mais próximas de quem antes achava que um problema na China fosse algo distante demais para afetar vidas do outro lado do mundo. Tal como George Michael disse em 1990 na música *Praying For Time*, num prenúncio do que seria o novo mundo após a queda do Muro de Berlim, “*And you find that what was over there is over here* (E você descobre que o que estava lá, está aqui).

A igreja não foi poupada dos efeitos da pandemia. Ao ter suas portas fechadas, ela também se viu forçada a refletir uma vez mais sobre sua importância e presença num mundo frágil, da dor, sofrimento e morte. Ao fim da pandemia, a igreja precisa enfrentar uma nova realidade, considerando seus efeitos e quais as possíveis implicações para seu ministério pós-pandemia.

O mundo pós-pandemia

O mundo pós-pandemia não é o mesmo. Embora termos como “novo normal” tenham sido abandonados como expressões sem sentido, a realidade é que não é possível voltar ao que era antes dessa catástrofe cujos danos econômicos, políticos e sociais são os maiores desde a Segunda Guerra Mundial (ZAKARIA, 2020, p. 8). A pior epidemia nos últimos cem anos (HARARI, 2020, p. 59) expôs o quão frágil, de fato, é este admirável mundo novo. Como expressou o filósofo francês Edgar Morin: “Nossa fragilidade estava esquecida; nossa precariedade, ocultada. O mito ocidental do homem cujo destino é tornar-se ‘senhor e dono da Natureza’ desmorona

diante de um vírus.” (MORIN, 2021, p. 22). Um vírus que “é 1/10.000 o tamanho do ponto final dessa frase” (ZAKARIA, 2020, p. 8) forçou nações ricas e pobres a um isolamento social jamais imaginado, despertando em seus cidadãos o medo diante da possibilidade de se tornarem mais um número nas estatísticas de contágio e morte.

Um mundo polarizado

O mundo que emerge pós-pandemia é um mundo polarizado. A polarização já havia dado sinais alarmantes nos últimos pleitos eleitorais na Europa, nos EUA e no Brasil. O vírus, no entanto, a acentuou ainda mais. Além disso, “o isolamento serviu de lente de aumento para as desigualdades sociais: a pandemia acentuou dramaticamente as desigualdades socioespaciais.” (MORIN, 2021, p. 27). Enquanto a mensagem transmitida era “fique em casa”, milhões de trabalhadores não tinham essa escolha e eram forçados a arriscarem suas vidas a cada dia em trabalhos essenciais frequentemente não valorizados. Como diz Morin, falando da realidade da França que, na crise, não difere daquela vivida em muitos países:

Nem todo mundo tem residência extra para fugir da cidade. Algumas condições exíguas de moradia para famílias com filhos tornam o isolamento inviável, sem falar dos sem-teto, dos refugiados chamados de migrantes ou imigrantes, para quem esse isolamento foi um sofrimento duplo. Ele revelou as tristes condições de alguns solitários, solitárias, viúvos, viúvas, mulheres abandonadas, idosos e jovens sem dinheiro. Mostrou também que aqueles que estão na ponta de baixo da corda – coletores de lixo, operadores de carga, caminhoneiros, caixas ou telefonistas – são mais vitalmente necessários que os grandes acionistas da Bolsa de Paris (em que só uma minoria deu mostras de certa solidariedade). Enquanto jovens da periferia, donos de restaurantes, donas de casa preparavam refeições gratuitas para os desfavorecidos, os da ponta de cima na maioria das vezes ficavam esperando em seus píncaros a hora de puxar de novo a corda para si. (MORIN, 2021, p. 27).

Essa desigualdade foi explorada por diferentes lados do espectro político, numa guerra de narrativas e *fake news*, aumentando a tensão política e a hostilidade nas redes sociais. Tal polarização configura-se uma ameaça crescente à unidade da igreja e sua relevância no mundo pós-pandemia, à medida em que seus líderes e membros se engajam cada vez mais no debate político, assumindo posições ideológicas e partidárias com fervor religioso.

Um mundo assombrado

Mais de seis milhões de vítimas fatais do coronavírus tornaram o mundo pós-pandemia um tanto assustado e assombrado pela morte. Durante dois anos, fomos forçados a assistir os noticiários exibindo gráficos da tragédia. Sentimos uma ansiedade sufocante diante da falta de oxigênio e de respiradores nos hospitais superlotados. Ficamos horrorizados com imagens de valas abertas por retroescavadeiras para enterrar centenas de mortos diariamente. Acompanhamos pelas redes sociais a dor e sofrimento de famílias que foram privadas das despedidas tradicionais de seus entes queridos vítimas do vírus. A morte chegou mais próxima, despertando-nos do sono da autossuficiência. Ou será que não?

A pandemia evidenciou dois tipos de respostas pós-modernas diante da morte. A primeira é do enfrentamento da morte não pela crença, mas pela ciência, como se esta fosse capaz de extinguir a morte. Yuval Noah Harari é alguém que representa bem esse tipo de resposta. Para ele, a morte é uma “falha técnica” - ou problema meramente mecânico - que pode ser superado através do conhecimento e desenvolvimento científico:

No momento, não podemos resolver todos os problemas técnicos possíveis. Mas trabalhamos para isso. As melhores mentes humanas já não gastam seu tempo tentando dar um sentido à morte. Em vez disso, ocupam-se em prolongar a vida. Investigam os sistemas microbiológicos, fisiológicos e genéticos responsáveis pelas doenças e pelo envelhecimento e desenvolvem novos remédios e tratamentos revolucionários. (HARARI, 2020, p. 49).

A segunda resposta pós-moderna à realidade da morte evidenciada pela pandemia é a resignação. Como diz Morin:

Ora, o extremo poder da técnica e da ciência não abole a debilidade humana diante da dor e da morte. Embora possamos atenuar a dor e retardar a morte pelo envelhecimento, nunca poderemos eliminar os acidentes fatais em que nosso corpo será aniquilado; nem nos livrar de bactérias e vírus, que estão o tempo todo se automodificando para resistir a medicamentos, antibióticos, antivirais, vacinas. (MORIN, 2021, p. 23).

É justamente em tempos como este que a igreja pode recuperar sua voz e oferecer uma resposta além da ilusão da «falha técnica» a ser solucionada pelos avanços científicos e da resignação sem esperança. Trata-se da resposta que reconhece a finitude e impotência humana para a qual técnica e ciência não dão conta, mas também oferece a resposta da comunhão no sofrimento, do consolo aos enlutados e da esperança além do túmulo. Essa voz esquecida em tempos pós-modernos foi lembrada por Morin na pandemia, ao reconhecer que a «falta de cerimônia consoladora levou as pessoas, inclusive as laicas como eu, a sentir a necessidade de rituais que façam a pessoa morta reviver intensamente em nosso espírito e atenuem a dor numa espécie de eucaristia» (MORIN, 2021, p. 25).

A igreja na pandemia

O mundo pós-pandemia marcado pela dor, perdas, luto e danos emocionais é um mundo que precisa mais do que nunca ouvir a voz do consolo, da solidariedade e da esperança que somente a igreja tem a oferecer por meio do Evangelho. Mas onde esteve a igreja na pandemia? A igreja também participou na comunhão dos sofrimentos do mundo na pandemia. Também experimentou o isolamento social, sofreu danos econômicos, perdeu líderes e membros da congregação cujas vidas foram ceifadas pela Covid-19, foi forçada a aprender novas formas de conexão e atualizar-se num mundo digital de maneira muito rápida, levando pastores e líderes ao esgotamento.

No entanto, a resposta da igreja revelou sua polarização. Por um lado, testemunhamos uma igreja que se entende no mundo sem ser do mundo e que triunfa sobre os portões do inferno (seja de qual forma estes se manifestem). Uma comunidade de fé que respondeu ao momento com coragem para efetuar mudanças, rapidez na resposta de adaptabilidade e prontidão ao serviço compassivo. Dessa igreja vimos a beleza da perseverança, da solidariedade, do repartir o pão com os necessitados, da sensibilidade e respeito pela dor e sofrimento alheio.

Por outro lado, com tristeza, testemunhamos também parte da igreja engajada na guerra cultural e política, abraçando o negacionismo do movimento anti-vacina, insistindo no direito de reunir-se presencialmente num tempo em que o bom senso e a prudência pediam o distanciamento. Enquanto muitas igrejas fizeram de seus assentos vazios espaços para distribuição de alimentos e itens de higiene aos mais pobres, outras promoveram *fake news*, demandaram o fim do uso de máscaras e a abertura dos templos.

E agora, como viveremos?

A igreja pós-pandemia enfrenta a tentação de voltar a atividades pré-pandemia como se tudo fosse igual numa pressão para o ativismo (muitas programações) como forma de recuperar o “tempo perdido”. Mas é preciso entender que não se trata apenas de tempo perdido. As perdas foram maiores, mais marcantes e mais profundas. A igreja foi atingida por “um furacão de categoria 5” (CARTER, 2021). A edição *online* de 8 de janeiro de 2022 da revista *The Economist* trouxe um artigo intitulado *The world’s religions face a post-pandemic reckoning* (As religiões mundiais enfrentam um acerto de contas pós-pandemia) apontando as dificuldades que muitas igrejas estão enfrentando pós-pandemia:

Igrejas que atendiam efetivamente às necessidades de seus rebanhos antes da pandemia tiveram a tendência de prosperarem à medida que as pessoas se preocupavam mais com a morte - e no confinamento encontraram mais tempo para adoração e oração. Mas as igrejas que já estavam lutando descobriram que está cada vez mais difícil

manter suas congregações. A pandemia acelerou a mudança para os cultos *online*, dando a muitos dos fiéis uma desculpa para deixar de congregar. Muitas instituições religiosas fecharam suas portas repentinamente, transferindo seus cultos para o *Zoom*. Agora, com a reabertura de seus prédios, não têm certeza sobre quantos fiéis retornarão. Se, como parece provável, poucos voltarem, duas tendências que já eram perceptíveis podem se intensificar. Muitas organizações religiosas se livrarão de suas propriedades subutilizadas. E mais igrejas se fundirão. (*The Economist*, 08/01/2022, versão *online*).

Na pandemia fomos forçados a adotar o “modo sobrevivência”. Como um navio numa forte tormenta, nossos esforços se voltaram para manter o máximo possível a estabilidade da embarcação e não afundar. No entanto, precisamos reconhecer que, em meio a tormenta, somos empurrados pela força das águas e do vento e corremos o risco de perder o rumo, o senso de direção. Por este motivo, tão logo começamos a sentir que atravessamos a tormenta, precisamos voltar o foco para nossa rota e fazer qualquer correção necessária.

Eis a tarefa da igreja pós-pandemia: corrigir seu rumo. Para isso a igreja precisa evitar dois erros: o primeiro é pensar e agir como se nada tivesse mudado, como se tivéssemos retornado exatamente para o local de onde paramos. O segundo é achar que tudo mudou e que nada é igual. O mundo não é o mesmo, mas nem tudo mudou. Há coisas que mudam e coisas permanecem iguais mesmo em meio a grandes e repentinas mudanças. A sabedoria da ação encontra-se no discernimento do que mudou e do que permanece.

A pandemia nos ensinou que tudo pode mudar de repente. Por este motivo, é preciso estar preparado para mudanças e instabilidades. As igrejas precisam repensar o uso de suas finanças, precisam criar fundo de emergência e aprofundar a conscientização da contribuição financeira não como uma resposta a apelos emotivos durante o ofertório/culto, mas como a prática de uma mordomia generosa, expressão de gratidão na vida cristã e resistência ao espírito de avareza e consumo.

A quarentena e o isolamento social serviram para nos lembrar da realidade da igreja além dos limites do templo e do prédio. O fechamento dos templos e a necessidade de adaptação da comunicação dos pastores e líderes com os fiéis se assemelha a um episódio na história da igreja em El Salvador na década de 1980. Quando o Estado autoritário tentou proibir a igreja de usar sua estação de rádio para transmitir a mensagem, o arcebispo Oscar Romero dirigiu-se à sua paróquia com as seguintes palavras:

Eu repito o que já disse a vocês antes quando tínhamos perder nossa estação de rádio: o melhor microfone de Deus é Cristo, e o melhor microfone de Cristo é a igreja, e a igreja são todos vocês. Que cada um de vocês, em seu próprio trabalho, em sua vocação (...), cada um em seu próprio lugar viva a fé intensamente e sinta que em seu ambiente você é um verdadeiro microfone de Deus nosso Senhor. (ROMERO, 2007, p. 199-200).

A igreja são as pessoas, o povo de Deus e a família de Deus. Isso deve nos levar a certas ênfases pós-pandemia. Precisamos enfatizar que nossa espiritualidade não pode depender de encontros e momentos emotivos de adoração comunitária. É preciso aprofundar a fé e ensinar os cristãos a se alimentarem sozinhos. É preciso investir na formação de discípulos que aprendem a ser servos em vez de consumidores. É preciso enfatizar as reuniões familiares e pequenos grupos de comunhão que oferecem à igreja a capacidade de superação em tempos de crise e perseguição. É preciso reforçar o aspecto relacional da fé, fomentando amizades espirituais e cuidado mútuo.

A igreja na pandemia foi forçada a aprender a usar meios e ferramentas virtuais para se comunicar com seus membros. Trata-se de um erro pensar que, pós-pandemia, deve-se abandonar por completo o uso *online* como se fosse inútil no retorno aos encontros presenciais. Muitas das mudanças trazidas pelo mundo *online* durante a pandemia vieram para ficar. Empresas, instituições financeiras, governamentais e educacionais continuarão usando meios *online* para seus serviços e interação com seus colaboradores e clientes. A igreja não pode desprezar essa realidade. Em vez disso, é preciso se adaptar

e fazer o melhor possível para usar as ferramentas adquiridas e aprendidas na pandemia de maneira sábia e agregadora à missão da igreja. Por outro lado, um erro mais grave ainda será assumir o *online* como substituto permanente para os encontros presenciais.

As condições de desemprego e privações que foram sentidas principalmente pelos mais pobres na pandemia levaram muitas igrejas a um engajamento social extraordinário, servindo os necessitados em seu entorno com doações de alimentos e outras formas de amparo. É preciso aproveitar esse engajamento para continuar servindo os vulneráveis de um mundo cada vez mais desigual e injusto.

A igreja precisa também se arrepender de seu apego político partidário e retornar ao centro do Evangelho e da pessoa de Jesus que não pode ser refém de nenhuma ideologia ou espectro político. Se não fizer isso e insistir na polarização política e na guerra cultural, a igreja perderá ainda mais a capacidade de ser uma voz de consolo e esperança num mundo enlutado e assombrado pela morte. Pior ainda, a fragmentação da igreja a tornará débil e vulnerável num mundo no qual as crises e as dificuldades se tornarão cada vez mais frequentes. É preciso trabalhar pela unidade e catolicidade da igreja, enfocando o essencial, praticando a caridade e espírito de cooperação além das fronteiras teológicas e denominacionais.

A pandemia ofereceu à igreja a oportunidade de redescobrir a dimensão esquecida do lamento como uma prática espiritual do povo de Deus. O lamento nos ajuda a tirar nossos olhos da sedução do mundo visível e transitório e nos voltarmos para as realidades do invisível e eterno. O lamento nos torna participantes da comunhão dos santos também em seu sofrimento e faz ecoar novamente em nossos lábios as expressões “Até quando, Senhor?” e “Maranatha! Vem Senhor Jesus!”

Conclusão

O mundo pós-pandemia mudou e a igreja pós-pandemia não pode continuar a mesma. Ela precisa ser uma igreja que trabalhe incansavelmente pela unidade; que rejeite a sedução do poder e a tentação de mudar o mundo

pela via política; que busque aprofundar-se na espiritualidade relacional; que prepare-se para enfrentar períodos de instabilidade; que prontifique-se para o serviço sacrificial e compassivo; e que reaprenda a linguagem da dor e do lamento. Uma igreja assim continuará sendo uma voz de esperança num mundo naufragando no desespero.

Referências bibliográficas

CARTER, Paul. **Pastoring after this pandemic**. TGC Canadian Edition, 21/02/2021. Disponível em: <<https://ca.thegospelcoalition.org/columns/ad-fontes/pastoring-after-this-pandemic/>> Acesso em 31/03/2022.

HARARI, Yuval Noah Harari. **Notas sobre a pandemia. E breves lições para o mundo pós-coronavírus**. Tradução: Odorico Leal. (1ª ed.) São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020 (edição do Kindle).

ROMERO, Oscar. **The violence of love**. Farmington, PA: Plough Publishing House, 2007.

ZAKARIA, Fareed. **Dez lições para o mundo pós-pandemia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020 (edição do Kindle).

God, Mammon and real estate. The world's religions face a post-pandemic reckoning. The Economist. Versão online da edição impressa de 8-14/01/2022. Disponível em <<https://www.economist.com/international/2022/01/08/the-worlds-religions-face-a-post-pandemic-reckoning>> Acesso em 29/03/2022.



Autor: Sandro R. Baggio é graduado em Teologia e Filosofia, é pastor na Igreja Batista Memorial de Alphaville e professor no Seminário Teológico Servo de Cristo.



[Práxis 08 (2022) 31-44]

UMA REFORMA DIGITAL NA IGREJA PÓS-PANDEMIA

Por Marcos Simas

UMA REFORMA DIGITAL NA IGREJA PÓS-PANDEMIA

INTRODUÇÃO

Como será a igreja no futuro e como ela pode se manter relevante diante de tantas novidades surgidas nos tempos recentes, inclusive durante a pandemia, já que esse futuro parece já não estar tão distante? Temos a sensação de que o mundo não mais “caminha”, mas corre, em alta velocidade. São muitas as mudanças visíveis, que estão acontecendo ou irão acontecer em um futuro muito próximo.

Essa velocidade provoca e estimula cada vez mais identidades fluídas, que estão em constante e rápida mutação. Está se tornando cada vez mais difícil uma geração conseguir compreender a outra. Linguagem, símbolos e pertencimento estão se reconfigurando constantemente – o que leva à formação e reformulação de novas identidades com tamanha rapidez que não dá às gerações muitas opções de pontos-de-contato e de transmissão de tradições. Quando elas acontecem, são bastante fragmentadas. E, para amplificar todo esse deslocamento social, a Covid-19 trouxe mudanças rápidas, inesperadas e profundas à experiência religiosa humana.

Não faz muito tempo, havia uma certa preocupação com a produção e disseminação de crenças e doutrinas apenas nos ambientes fechados das igrejas, em seus templos “sagrados”, que representavam um ideal de pureza e cuidado com o conteúdo transmitido. É fato que fora desse ambiente também havia possibilidade de surgimento de novas teologias, fosse nas conversas de grupos ou de amigos, nos panfletos, livros, ou nos eventos públicos de massa que tanto sucesso fizeram em tempos passados. Mesmo com o rádio e a TV – ambientes externos e profanos que já provocavam um enorme alvoroço – até então, pensava-se que poderia haver um certo controle da mente dos fiéis, no que se refere à teologia. Tudo isso fazia um movimento subversivo contra o que era ensinado no “ambiente sagrado”, em que tudo ocorria em um mesmo padrão de tempo e de espaço.

Para ampliar esse deslocamento, surge, sutilmente, a internet, que se expande globalmente e chega aos nossos bolsos, tornando-se, praticamente, uma extensão dos nossos corpos. As mídias sociais digitais ampliaram nossos ambientes relacionais, tornando praticamente obsoletos ou secundários nossos padrões espaço-temporais, que, por milênios, serviram de base de sustentação existencial para nossas sociedades. A partir disso, o ambiente deixou de ser estático e o conteúdo – que tinha origem em uma comunicação verticalizada – deixou de ser recebido de forma passiva, podendo ser “compartilhado” de forma horizontal, o que aumentou sua potencialidade.

Essa novidade abriu a caixa de pandora das crenças e experiências, outrora privadas e circunscritas aos ambientes físicos e geográficos. Agora, esses elementos são disseminados de forma nunca vista; instantânea, com imagens e sem os “controles” habituais. Além disso, há cerca de 150 milhões de opções e variantes de toda e qualquer coisa, disponíveis a praticamente todos – no Brasil (KEMP, 2020), além da fusão entre o presencial e online/digital. Para comunicar algo de forma ampla e irrestrita, já não é preciso pagar uma fortuna para contratar espaço em canais de TV, abertos ou fechados. Com o YouTube, todos podem criar seus próprios canais e transmitir o que quiserem. Também devemos destacar a recente influência das mídias sociais na produção e difusão de “teologias” e de “experiências religiosas”. Nesse ambiente, as sensações e percepções de experiências e de pertencimento são transformadas em um sistema sinérgico fantástico, que soa quase um milagre, em sentido religioso.

As novas ferramentas tecnológicas ampliam seu alcance durante a pandemia

Nesse período de pandemia, a tecnologia foi amplamente utilizada e amplificou nossas possibilidades relacionais. Para alguns é a forma de se relacionar em tempos recentes onde o contato pessoal presencial, físico e geográfico se tornou limitado. Para outros é uma forma de se sentirem relevantes em um mundo de mais de 7 bilhões de seres humanos que buscam seu espaço e a construção de uma identidade que os mantenha sóbrios em

tempos híbridos, mas também em tempo de radicalismos. O tempo gasto na internet impressiona já que os brasileiros foram imensamente afetados por esse episódio, já que passam, em média, dez horas e meia por dia em seus aparelhos (KEMP, 2020).

Pesquisadores buscam entender de que forma a internet tem afetado a vida humana e o que ela ainda pode fazer, diante de tanta novidade que surge diariamente, praticamente colocando esse ambiente como algo ilimitado e progressivo, onde o limite parece ser o céu na Terra. Intencionalmente, e com vistas à super-humanidade de seres que buscam a eternidade, toda essa ampla possibilidade de extensão da vida com a ajuda dos recursos tecnológicos e científicos é oferecida aos que puderem pagar por tal luxo, além de uma vida cada vez mais confortável, com mais previsibilidade e com menos surpresas do acaso. Mas nem tudo isso significa que a internet oferece apenas coisas boas e úteis para seus usuários.

Destoante crítico das benesses da vida proposta no ambiente digital, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, autor do best-seller *A sociedade do cansaço* diz que os smartphones estariam criando “viciados” na “sociedade do cansaço”, diante das exigências inesgotáveis de uma existência que insistentemente impõe que façamos parte de grupos e que experimentemos todas as novas formas de entretenimento que ela nos oferecem. Para ele, as redes sociais criam em muitos de seus usuários a obsessão por si mesmo de forma sutil, acentuando nosso individualismo. Han convoca seus leitores a retornarem às “coisas simples da vida cotidiana” e reclama ainda do desaparecimento dos rituais, o que, segundo ele, estaria colaborando para o desaparecimento do sentimento comunitário e nos transformando “em indivíduos perdidos em sociedades doentes e cruéis” (FANJUL, 2021).

Além dele, Kalev Leetaru, especialista em internet, publicou em 2019 um artigo na Forbes, no qual afirma que, para variados pesquisadores “o Instagram estaria cheio de imagens perfeitas, em que cada cena representa a vida em seu melhor momento, podendo tornar as pessoas menos felizes quando comparam essas imagens encenadas com suas próprias vidas”.

Assim, segundo ele, em um ambiente digital “cheio de ódio e horrores”, o Instagram estaria sendo criticado “por ser muito positivo, feliz e edificante”, provocando nos seus usuários a sensação de quererem sempre o ideal proposto nessas referidas imagens (LEETARU, 2019). Já o pesquisador Brock Bastian, da Faculdade de Ciências Psicológicas da Universidade de Melbourne (Austrália), em artigo do site ABC Everyday, amplia a crítica à essa forma de se expor nas mídias sociais e diz que “a positividade saudável é deixar espaço para as emoções negativas e sentir-se à vontade com elas, pois a melhor maneira de ser feliz é se basear nessas experiências incômodas, já que, se as evitarmos, elas pioram” (SCOTT, 2020).

Apesar desses alertas, nossa sociedade já não pode mais imaginar a vida sem os fantásticos e ao mesmo tempo arriscados recursos da internet. No entanto, a igreja e seus líderes devem saber como se posicionar diante disso. Sabemos que as igrejas foram imensamente afetadas pela pandemia e ficaram com seus templos fechados e suas reuniões presenciais de grupo foram interrompidas. Em inúmeros casos, a relação entre seus membros e líderes sofreu um esfriamento e até um estremecimento. Ninguém escapou imune à Covid-19, mesmo quem não foi contaminado, ou mesmo vacinado.

Um novo ambiente para uma nova igreja

O virtual permitiu que enfrentássemos a pandemia, já que o “real espacial” não foi possível por determinado tempo. O digital foi uma possibilidade real de mantermos o mínimo de sanidade mental, mantendo-nos em contato com o mundo exterior. Com isso, a internet invadiu nossas vidas, ampliando esse novo “ambiente” para a experiência relacional de forma abrupta. Três novas palavras, fundamentalmente conceituais, invadiram nosso vocabulário nos últimos anos, sem sequer nos dar tempo para avaliar o que realmente elas significam e qual é seu alcance no mundo tecnológico em que vivemos: Algoritmo, Inteligência Artificial (I.A.) e Metaverso.

Os “Algoritmos” são projetados para que as pessoas cliquem, que passem mais tempo engajadas com determinado conteúdo. Nas redes sociais eles são fundamentais para fazer com que seus usuários e adeptos fiquem

cada vez mais “conforme” seus grupos ou suas escolhas. Na prática isso é o que nos faz muitas vezes ficarmos impressionados com a quantidade de pessoas que “acreditam” no que nós mesmos acreditamos, “gostam” do que gostamos e, conseqüentemente, provocam nos “seguidores” uma sensação de engajamento e de conseqüente pertencimento, ainda que falso, a grupos supostamente coesos e similares. Apesar disso, o pesquisador Stuart Russell nos alerta para o fato de que esses algoritmos ainda não são verificados ou “consertados” e trabalham de forma mecânica para otimizar seu objetivo, indiferentes ao dano colateral que possam produzir. Segundo o autor:

[as redes sociais] não apenas estão otimizando a coisa errada, como também estão manipulando as pessoas, porque ao manipulá-las consegue-se aumentar seu engajamento. Se posso tornar você mais previsível, por exemplo transformando você em uma eco-terrorista extremista, posso te mandar conteúdo eco-terrorista e ter certeza de que você vai clicar, e assim maximizar meus cliques (IDOETA, 2021).

Sem dúvida, essa nova tecnologia tem o poder de manipular pessoas e de ser parte ativa em uma mudança no sistema social, já que pode influenciar pessoas com ideias e conceitos provocando a ilusão de que somos “donos” de nossas ideias e pensamentos e que muitos ao nosso redor pensam como nós, ou como a nossa tribo.

Já a “Inteligência Artificial (I.A.)” é um ramo da ciência da computação que trabalha com sistemas ou máquinas projetadas na intenção de imitar a inteligência humana na execução de tarefas, aprimorando-se interativamente com base nas informações que coletam. Ela também permite que os sistemas tomem decisões de forma autônoma em certo nível, apoiada em dados digitais, na perspectiva de multiplicar a capacidade racional do ser humano de resolver problemas práticos, simular situações e pensar em respostas. Na prática, aos poucos, o sistema absorve, processa, classifica, analisa e organiza os dados de forma a entender e identificar o que são objetos, pessoas, padrões e reações de todos os tipos. Simplificando, a I.A. aprende como uma criança.

Diante disso, precisamos estar conscientes de que as máquinas no mundo digital, com sua I.A., são fortes agentes ativos e “parceiros” dos algoritmos na tentativa de tornar os usuários de internet cada vez mais fiéis consumidores de conteúdo e, conseqüentemente, de todos os elementos físicos palpáveis ou não (leia-se compráveis), que compõem o espectro mais amplo do sistema simbólico de pertencimento de determinado grupo. Russell alerta que o modelo predominante de Inteligência Artificial é, em sua opinião, uma ameaça à sobrevivência humana, principalmente por causa da forma como essa inteligência tem sido programada pelos próprios humanos para otimizar ao máximo suas tarefas, a qualquer custo, tornando-se indiferentes aos problemas que podem causar aos humanos (IDOETA, 2021).

Já o “Metaverso” é a terminologia utilizada para indicar um tipo de mundo virtual, que tenta replicar a realidade por meio de dispositivos digitais no universo em rede online 3D permanente. Ele combina diversos ambientes virtuais de espaço coletivo e virtual compartilhado, constituído pela soma de “realidade virtual”, “realidade aumentada” e “internet”. Esse ambiente pode ser entendido como uma vivência em um espaço virtual, só que com influências reais, presença e participação, permitindo aos seus usuários a continuidade de identidade, objetos, história, ações e reações, que acontecem de forma sincronizada por um número ilimitado de usuários. O objetivo é passar uma sensação de realidade, por conta de toda uma estrutura que existe no mundo real para que isso aconteça, por isso, o metaverso permitirá que os usuários trabalhem, se encontrem, joguem e socializem em ambientes 3D.

Os óculos de realidade virtual talvez sejam a forma mais acessível de entendermos como funciona essa proposta de ambiente digital, já que esse aparelho “teletransporta” o usuário para um mundo que não existe fisicamente. O jogo *Second Life*, lançado em 2003, também é um exemplo da proposta de Metaverso. A privacidade das informações no metaverso, o vício do usuário nas mídias sociais e a ampliação dos impactos sociais dos espaços alienantes digitalmente são algumas das principais preocupações dos estudiosos, uma vez que o metaverso pode adaptar os mundos virtuais algorítmicamente com base nas crenças de cada pessoa pela ação da

inteligência artificial e distorcer ainda mais as percepções da realidade, por meio de um conteúdo tendencioso, que aja para manter ou aumentar o envolvimento. Uma pesquisa do Ibope indica que 5 milhões de brasileiros já interagem de alguma forma no Metaverso (SILVA, 2021). Essa realidade é cada vez mais palpável e certamente também pode afetar a religiosidade do brasileiro, assim como as estruturas religiosas das quais fazem parte.

Algumas armadilhas da internet para a igreja

Precisamos estar cientes desses novos tempos e avaliar de forma responsável e profunda quais são os riscos decorrentes desses relacionamentos em formatos diferentes, distantes e superficiais, propostos pela trindade digital: o Algoritmo, a Inteligência Artificial (I.A.) e o Metaverso. Mais uma vez Byung-Chul Han nos alerta e diz que a internet está substituindo a necessidade de presença física nos relacionamentos humanos e provocando um distanciamento real nos relacionamentos humanos:

precisamos que a informação se cale. Caso contrário, explorará nosso cérebro. Hoje entendemos o mundo através das informações. Assim a vivência presencial se perde. Nós nos desconectamos do mundo de modo crescente. Vamos perdendo o mundo. O mundo é mais do que a informação. A tela é uma representação pobre do mundo. Giramos em círculo ao redor de nós mesmos. O smartphone contribui decisivamente a essa percepção pobre de mundo (FANJUL, 2021).

E ele não está sozinho. Hilda Burke, psicoterapeuta e autora da obra *The Phone Addiction Workbook*, diz que existe uma forte ligação entre o uso excessivo do smartphone e problemas de relacionamento, por conta da dificuldade de se desconectar: “Muita gente tem uma constante lista de pedidos vindo em sua direção por meio de seu aparelho, muitos deles com um falso sentido de urgência” (BEANE, 2022). Para ela, as pessoas deveriam ter maior percepção e controle do tempo que passam diante do smartphone, já que esse tempo muitas vezes passa despercebido por conta do envolvimento visual e emocional que o binômio aparelho-tela proporciona e da incapacidade de buscar a disciplina nessa área da vida, estabelecendo

períodos de vida off-line, em vez de estar conectado 24 horas por dia, sete dias por semana.

Por fim, segundo matéria da Deutsche Welle (DW), Frances Haugen, ex-gerente de produto do Facebook, em entrevista à CBS, diz que a plataforma está “ilacerando nossas sociedades” e acusa companhia de priorizar o lucro sem levar em conta a segurança dos usuários, promovendo em sua plataforma conteúdos que inspiram ódio e raiva:

Quando vivemos num ambiente de informações que é repleto de conteúdo de ódio e polarizador, isso faz erodir nossa confiança cívica, a fé que temos uns nos outros, a habilidade que temos de querer nos importar uns com os outros.

Precisamos ter em mente que devemos utilizar as maravilhas que a internet nos disponibiliza com certo cuidado, critério e planejamento, estando atentos ao que os estudiosos e pesquisadores desse campo da comunicação tem a nos dizer. Uma subserviência cega às tecnologias pode nos levar a lugares inimagináveis e a consequências catastróficas. Se sabemos que algumas ferramentas estão ainda em “fase de testes”, ou mesmo que alguns de seus mandantes podem nos manipular ou mesmo afetar de alguma forma a vida dos que nos são confiados, devemos também alertar aos fiéis de nossas igrejas, bem como aos colegas de ministério, dos perigos possíveis disponíveis nesse mundo digital.

É possível manter a conexão entre os membros em um ambiente híbrido?

O hibridismo físico-virtual nos relacionamentos se tornou uma prática em nossas vidas, seja no trabalho, na família e demais relacionamentos, mas isso não significa que devemos abdicar do que as ferramentas desse ambiente híbrido têm a nos oferecer. A pandemia da COVID-19 trouxe algo similar a um raio-x global, expondo questões importantes e relevantes que não estavam em nossa agenda de preocupações, principalmente quanto aos nossos relacionamentos. Em muitos sentidos, a crise provocada pela pandemia acelerou processos e amplificou crises que estariam “abafadas”

pelas novidades da sociedade tecnológica, que faziam parte de um profundo e duradouro processo de mudança em curso.

Ficar em casa juntos, quase que 24 horas por dia, expôs os problemas acumulados nos relacionamentos familiares. Para muitos, descortinou-se a personalidade de colegas, amigos e familiares próximos que não se expunham até então por conta da correria e distância provocada pelo trabalho em outro espaço geográfico. Isso forçava os encontros intra-familiares a serem menos intensos e frequentes; mas, com a pandemia e a extrema necessidade de reclusão física e geográfica, não havia mais “escapes” e a realidade dos fatos se expôs para a maioria de nós, revelando quem somos de fato, de forma mais intensa.

Ao mesmo tempo, a igreja também não escapou do efeito colateral da pandemia. Com a necessidade de cultos e reuniões virtuais, muitos adeptos ficaram meses sem participar nos templos e mesmo sem se reunir com outros fiéis. Abriu-se uma nova possibilidade, ainda que forçada, do exercício de uma religiosidade menos centrada na instituição, no dia e no local sagrados. No início da pandemia, por força das exigências de distanciamento, a experiência religiosa adentrou no ambiente digital e forçou a muitos a participarem da igreja de forma distante — física e temporalmente —, sem a outrora celebrada “comunhão” dos fiéis.

Depois do primeiro impacto da crise avassaladora que nos tomou de surpresa, surgiram novas possibilidades de encontros virtuais (digitais ou on-line) em plataformas da internet. Igrejas criaram ou ampliaram seus ministérios de comunicação, que passaram a ter enorme importância na conservação da unidade do grupo. Assim, se estabeleceu uma nova forma híbrida de experiência religiosa, ainda em seus estágios iniciais de desenvolvimento, a respeito o qual ainda não sabemos muito sobre seu destino. É certo que nesse momento muitos estão usufruindo das vantagens do novo modelo híbrido. Mas também é certo que poucos têm condição de saber os danos colaterais desse novo modelo. Porém, uma coisa é certa: a forma de se vivenciar a experiência religiosa mudou em praticamente todo o globo.

Há algum tempo existe nos Estados Unidos o que diversos

pesquisadores chamam “nones”¹, ou seja, aqueles que, por vários motivos, não se identificam com nenhuma filiação religiosa e “dones”², que são os que cansaram da religião. Ambos têm um traço em comum: são grupos principalmente ligados ao cristianismo. De acordo com o artigo “The Rise of the ‘Umms’” de Mike Moore, publicado na Christianity Today,

pesquisas iniciais sobre a pandemia sugeriram que até um terço dos fiéis pararam de frequentar a igreja. Dados mais recentes mostram que a maioria das igrejas está abaixo da frequência pré-pandemia. Um estudo divulgado no início deste ano revela que a frequência à igreja caiu 6%, saindo de 34% em 2019 para 28% em 2021 (MOORE, 2022).

Ainda nesse artigo, o que nos surpreende é a indicação de um novo grupo inicialmente denominado de “umms”³, que estaria surgindo como mais um que se distancia da igreja, podendo ser tanto pessoalmente quanto online. Segundo Moore,

eles gostam da igreja local e foram membros ativos no passado. Levam Jesus a sério e querem pertencer a uma congregação local. Não são amargos ou cínicos. Na verdade, de alguma forma os “umms” se sentem desconfortáveis por não estarem comprometidos com uma igreja local. Como resultado, há uma lacuna entre seu desejo e sua situação. Eles são “umms” porque estão incertos e hesitantes sobre como se engajar novamente com a igreja. E embora suas histórias individuais sejam inúmeras e difusas, gostaria de apresentar quatro tipos potenciais de “umms” e suas lutas: desorientados, desmotivados, desencorajados ou desencarnados (MOORE, 2022).

¹ “None” é uma palavra que poder ser usada em lugar de “nenhum”, mas de uma maneira incisiva.

² “Done” é uma palavra que pode ser usada para demonstrar cansaço e fim-da-linha com algo.

³ “Umm” é uma palavra que pode ser usada para expressar “dúvida” ou “incerteza” ou para preencher uma pausa ao hesitar em falar sobre algo. A palavra como está aqui grafada (umm) ainda não é encontrada no *Dicionário Webster*. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/thesaurus/umm>>. Acesso em 01 de abril de 2022. Uma variação (um) significa indicação de hesitação. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/um#examples>>. Acesso em 01 de abril de 2022.

Moore ainda afirma que esse grupo é composto pelos que se sentiram deslocados física e relacionalmente de seu lugar geográfico e de pessoas que, por anos, faziam parte de suas vidas. Porém, esse período de pandemia os deixou como que “vagando”, sem porto seguro ou grupo de apoio, na busca de uma outra igreja para chamar de lar. No entanto, depois de experimentarem essa sensação de falta, mas também de liberdade e de possibilidade de escolha, eles não mais pensam em frequentar as igrejas nos moldes tradicionais pré-pandemia, inclusive em dias e locais sagrados. Esse grupo seria o resultado prático e visível do efeito da pandemia para a igreja e talvez um dos maiores desafios para pastores e líderes.

Conclusão

Diante disso, acreditamos que a relação fiel-igreja precisa ser repensada e profundamente reavaliada à luz da crise instalada, com o objetivo de recuperar essas pessoas que, de alguma forma, tornaram-se mais um grupo que questiona os fundamentos litúrgico-devocionais do sistema tradicional eclesial. A seguir, listamos algumas ações que julgamos importantes para pastores e líderes nesse momento pós-pandemia:

Precisamos ampliar e aprofundar nosso conhecimento sobre sociedade em rede, internet, redes sociais, novas tecnologias, bem como sobre seus problemas.

Precisamos ampliar nossos horizontes físicos e geográficos e refletir sobre como podemos alcançar aqueles que, de alguma forma, estão em um estágio intermediário de afastamento ou de crise com a igreja.

Precisamos refletir sobre os conceitos de “igreja em casa”. Especificamente, precisamos reconsiderar que, dentre os lugares físicos que nos reunimos, os “lares” podem trazer a ideia e a memória de conforto e aconchego.

Precisamos entender que nosso distanciamento não precisa ser permanente, e que, por essa razão, devemos buscar novas formas de amparo e comunhão aos que estão temporariamente afastados.

Por fim, precisamos também lembrar de que, como pastores e líderes, devemos mostrar na prática aquilo que uma comunidade cristã pode trazer de bom para os necessitados e aflitos, principalmente em relação a todo sofrimento decorrente da pandemia na intenção de resgatar os “nones”, “dones” e “umms”, já que mesmo em meio ao sentimento de desorientação, desmotivação, desânimo e desencanaixe, Deus não nos abandonou.

Referências bibliográficas

BEANE, Suzanne. **‘Aproveitar a vida real’: o movimento para abandonar os smartphones**. BBC News, 25 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60113354>. Acesso em 01 de abril de 2022.

BURKE, Hilda. **The Phone Addiction Workbook: How to Identify Smartphone Dependency, Stop Compulsive Behavior and Develop a Healthy Relationship with Your Devices**. Berkeley: Ulysses Press, 2019.

DONE. Dicionário Merriam-Webster on-line. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/thesaurus/done>. Acesso em 01 de abril de 2022.

FANJUL, Sergio C. Byung-Chul Han: **“O celular é um instrumento de dominação. Age como um rosário”**. El País, 9 de outubro de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-09/byung-chul-han-o-celular-e-um-instrumento-de-dominacao-age-como-um-rosario.html>. Acesso em 01 de abril de 2022.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

IDOETA, Paulo A. **Porque algoritmos das redes sociais estão cada vez mais perigosos, na visão de pioneiro da Inteligência Artificial**. Disponível em: [Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58810981>](https://www.bbc.com/portuguese/geral-58810981). Acesso em 01 de abril de 2022.

KEMP, Simon. **Digital 2020: Global digital overview**. Datareportal, 20 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-global-digital-overview>. Acesso em 01 de abril de 2022.

LEETARU, Kalev. **Instagram's Positivity Problem: Do We Actually Need Toxicity To Enjoy The Web?** Forbes, 14 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/kalevleetaru/2019/06/14/instagrams-positivity-problem-do-we-actually-need-toxicity-to-enjoy-the-web/?sh=a0343e261d6f>>. Acesso em 01 de abril de 2022.

MOORE, Mike. **The Rise of the 'Umms'**. Cristianity Today, 29 de março de 2022. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2022/march-web-only/church-statistics-return-in-person-nones-dones-umms.html>. Acesso em 01 de abril de 2022.

NONE. Dicionário Merriam-Webster on-line. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/thesaurus/none>. Acesso em 01 de abril de 2022.

SILVA, Mariana M. **5 milhões de brasileiros se antecipam ao Facebook e já estão no metaverso**. Exame, 3 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://exame.com/future-of-money/5-milhoes-de-brasileiros-se-antecipam-ao-facebook-e-ja-estao-no-metaverso/>>. Acesso em 01 de abril de 2022.

SCOTT, Kellie. **Toxic positivity on social media and how to avoid it**. ABC Everyday, 27 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.abc.net.au/everyday/toxic-positivity-on-social-media-and-how-to-avoid-it/12432790>>. Acesso em 01 de abril de 2022.



Autor: Marcos Simas é Doutor em Ciências da Religião pela UMESP. É professor do programa de Mestrado em Teologia Profissional da FTSA.

E-mail: marcos.simas.ext@ftsa.edu.br



[Práxis 08 (2022) 45-59]

AS DUAS DIMENSÕES DA ESPIRITUALIDADE
CRISTÃ PÓS-PANDÊMICA

Por Maurício Zagari

AS DUAS DIMENSÕES DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ PÓS- PANDEMICA

INTRODUÇÃO

Embora epidemias tenham marcado a história, como a da peste negra e a da gripe espanhola, nunca a espécie humana enfrentou uma pandemia real, muito menos nas proporções da COVID-19, alimentada pelo transporte aeroviário que permite a um indivíduo infectado atravessar o planeta em poucas horas. O resultado foi um ineditismo que pegou o ser humano de surpresa em escala global e o levou a tentar se enxergar nessa nova realidade de vida de maneira radical, em busca de compreender o incompreensível e se vendo obrigado a lidar com um cotidiano sem precedentes.

Em meio a esse cenário, a Igreja de nosso Senhor, Jesus Cristo, se viu igualmente confrontada pelo ineditismo da situação. Perguntas surgiram de um momento para outro, sem aviso prévio nem preparação, que demandaram reflexões e respostas rápidas, criativas e que mexeram com as entranhas de nossa eclesiologia. Como viver em comunidade se não se pode aglomerar? Como adorar coletivamente se é preciso preservar distanciamento social? Como cear em comunidade se não se pode tirar a máscara? Como dar e receber amor e consolo se não se pode abraçar? Como pastorear se não se pode visitar? Como evangelizar se não é possível estar junto? Perguntas como essas avassalaram a família de Cristo em todo o planeta, exigindo respostas rápidas e que não ferissem a essência do que as Escrituras estabelecem para a práxis diária do Corpo de Jesus.

Porém, com a vacinação e os avanços científicos no combate à covid-19, o ano de 2022 vê a névoa, aparentemente, começar a se dissipar e a descortinar novas possibilidades no horizonte. Surgem, então, naturais curiosidades acerca do legado que a pandemia deixará para a Igreja e o mundo, aquilo que se convencionou chamar de “novo normal”. E, em meio a isso, uma pergunta central: que reflexões o SARS-CoV-2 deve promover no seio da Igreja? É sobre isso que desejamos tratar neste artigo.

O impacto da pandemia nas duas dimensões da espiritualidade: externa e interna

Tão logo a pandemia eclodiu, em março de 2020, a família de fé cristã olhou para a escatologia, questionou os significados do evento à luz das Escrituras e iniciou uma jornada de reflexões que tinha, em sua essência e frequentemente de forma inconsciente, a necessidade de responder a uma simples pergunta, que paradoxalmente é absurda e complexa em suas respostas e desdobramentos: o que Deus quer com isso? Enxergar a mente divina e tentar compreender esse elemento da equação cósmica com clareza é virtualmente impossível. “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Por que quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?” (Rm 11.33-34).

Apesar dessa dificuldade, podemos estimar desdobramentos da pandemia de COVID-19 sob duas dimensões: a externa e a interna. Se, por um lado, vislumbrar o futuro não nos é possível, uma vez que só o Deus que habita fora do tempo tem a possibilidade da onisciência, podemos, sim, buscar compreender as principais reflexões que o evento COVID-19 deve promover no seio da cristandade. É esse exercício que faremos a seguir.

O impacto da pandemia na dimensão interna

Entendemos a dimensão interna da espiritualidade como aquela que afeta o interior do ser humano, a saber, a alma, a mente, o coração, as emoções, as percepções, o repensar de valores e princípios. São elementos que podem contribuir para a *metanoia*, isto é, para um ressignificar da jornada a partir do impacto das experiências sobre o ser. É uma dimensão ontológica, reflexiva, pessoal, cuja dinâmica de santificação e amadurecimento encontra sua melhor expressão bíblica na expressão paulina: “[...] deixem que Deus os transforme por meio de uma mudança em seu modo de pensar, a fim de que experimentem a boa, agradável e perfeita vontade de Deus para vocês.” (Rm 12.2). Do ponto de vista dos impactos da pandemia de COVID-19 sobre a dimensão interna e pessoal dos indivíduos como um todo, nossa visão é

conservadora, no sentido de que acreditamos na conservação das dinâmicas anteriores à eclosão da COVID-19 em escala global, sem muitas alterações.

É fato que houve conversões e um despertar das atenções na busca de esperança metafísica durante a pandemia. Três dos maiores ministérios de evangelismo *online* do mundo – OGM, BGEA e Cru – mostraram que, durante o primeiro mês de pandemia (entre março e abril de 2020), o número de pessoas que buscaram informações *online* a respeito de Jesus aumentou 170%. As 12,4 milhões de apresentações do evangelho em março de 2020 por esses ministérios representaram um aumento de 16% em relação à média mensal de 2019. Dados da Universidade de Copenhague mostraram que, no mesmo março de 2020, pesquisas na Internet relacionadas à oração em 75 países dispararam para seus níveis mais altos em cinco anos.¹

Embora sabedores do potencial transformador do sofrimento quando sob a condução e a ação graciosa do Espírito Santo, que notoriamente levou muitos à conversão a Cristo no período da pandemia, fatos dos dois primeiros anos do evento COVID-19 sugerem uma preservação do ser humano na condição em que sempre se encontrou, desde a Queda. Em outras palavras, em grande escala, quem praticava a maldade oportunizou a pandemia para seguir em seus maus caminhos e os que amavam o bem buscaram exercer misericórdia e graça no período – uma sintonia íntima com as palavras do anjo de Apocalipse 22.11: “Que o mau continue a praticar a maldade; que o impuro continue a ser impuro; que o justo continue a viver de forma justa; que o santo continue a ser santo”, numa dinâmica que não sugere alterações até a *parousia*.

Logo no início do evento COVID-19, muito se discutiu sobre se o ser humano se tornaria mais humilde, gracioso e solidário em decorrência dos desdobramentos do fenômeno, porém, o que se viu ao longo dos dois primeiros anos de pandemia foi a preservação da condição do ser que prevalece desde o Éden (Rm 3.10-17).

Os eventos sociais demonstraram pessoas em posição de poder que usaram a

¹ Disponível em: < <https://www.christianitytoday.com/news/2020/april/pesquisas-coronavirus-covid-levam-milhes-ouvir-sobre-jesus.html>>. Acesso em: 3 de mar. de 2022.

pandemia para se beneficiar egoística e economicamente. Um levantamento da Controladoria-Geral da União brasileira aponta que o prejuízo em desvio de recursos para a COVID-19 destinados a estados e municípios pode chegar a R\$ 300 milhões. O ano de 2020 alcançou o maior número da série histórica de operações de combate à corrupção pelo Brasil, desde 2003, com 97 operações, das quais 47 relacionadas a verbas para o enfrentamento à pandemia. Em 2021, ocorreram mais 57 operações, das quais 31 envolveram dinheiro da pandemia.² Dados como esses mostram que a pandemia serviu de campo arado para a sementeira do mal por corações maus.

A leitura dos jornais diários ratifica essa percepção. Vemos atores esbofeteando colegas em rede internacional de TV, cristãos e não cristãos se exprimindo com violência verbal e ódio em redes sociais, políticos ofendendo políticos publicamente com termos de baixo calão, nações declarando guerras sangrentas contra outras nações e dados da Confederação Nacional dos Municípios (CNM) mostram que em 483 cidades brasileiras houve aumento de casos de violência contra a mulher durante a covid-19, em 269 municípios houve elevação nas ocorrências de violência contra criança e adolescente, em 173 foram registrados mais episódios de agressão contra idosos, e em 71, contra pessoas com deficiência. Somados, os percentuais de cidades onde houve acréscimo de casos de agressão contra diferentes segmentos chegam a 41,9% dos municípios ouvidos no estudo.³ Em suma: a pandemia não diminuiu em nada a maldade humana.

É evidente que, em contraponto, houve muitas ações benignas nesse período. Exemplos são ações da Igreja Católica Apostólica Romana, com doações vultuosas de recursos, disponibilização de estruturas, distribuição de vale-refeição e confecção de máscaras doadas gratuitamente à população.⁴ Ou iniciativas da Fundação Luterana de Diaconia (FLD), em conjunto com o Conselho de Missão entre Povos Indígenas (COMIN) e o Centro de Apoio

² Disponível em: < <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/desvio-de-verba-para-a-covid-19-pode-chegar-a-r-300-milhoes-diz-cgu/>>. Acesso em: 8 de mar. de 2022.

³ Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/violencia-contra-mulheres-cresce-em-20-das-cidades-durante-pandemia>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

⁴ Disponível em:<<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-04/igreja-catolica-coronavirus.html>>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

e Promoção da Agroecologia (CAPA), que se devotaram a promover ações de ajuda humanitária para fomentar segurança alimentar e sanitária para milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade.⁵ Ou, ainda, o projeto Pastores pela Vida, da Visão Mundial, destinado a arrecadar fundos para dar atendimento a líderes religiosos em situação de carência financeira em decorrência do fechamento de templos.⁶

Pesquisas *online* mostram uma infinidade de ações, promovidas por indivíduos, instituições privadas, governos, organizações religiosas e organizações não-governamentais em favor do próximo, com todo tipo de auxílio – desde ações de promoção da saúde emocional até doações financeiras e de amparo médico. Em suma: a pandemia não alterou o potencial humano de fazer o bem.

Portanto, o que a análise dos fatos nos permite ver é que, embora o medo gerado pela pandemia tenha levado muitos a refletir sobre sua frágil condição humana e a enxergar em Cristo um caminho viável de segurança, esperança e paz, de modo geral e sistêmico o que se viu nesses dois anos foi a preservação do status geral da humanidade desde a Criação: pessoas praticando atos de maldade e pessoas praticando atos de bondade, a depender de sua condição diante da própria pecaminosidade e da sua cosmovisão de mundo. Houve corrupção e maldade antes da pandemia, segue havendo corrupção e maldade durante a pandemia, seguirá havendo corrupção e maldade após a pandemia. Houve generosidade e amor antes da pandemia, segue havendo generosidade e amor durante a pandemia, seguirá havendo generosidade e amor após a pandemia.

O impacto da pandemia na dimensão externa

Já a dimensão externa da espiritualidade é aquela que remete aos relacionamentos, aos vínculos sociais, à interação humana, aos conceitos sociais, às relações litúrgicas. É o impacto que se visualiza nas práticas e

⁵ Disponível em: <<https://fld.com.br/capa/ecoforte/2020/acoes-de-ajuda-humanitaria-promovem-seguranca-alimentar-e-sanitaria-a-familias-afetadas-pela-covid-19/>>. Acesso em: 4 de fev. de 2022.

⁶ Disponível em: <<https://visaomundial.org.br/noticias/visao-mundial-retoma-projeto-pastores-pela-vida-para-apoio-a-lideres-religiosos-afetados-pela-pandemia>>. Acesso em 15 de fev. de 2022.

nos costumes, na organização dos encontros, na expressão visível da interconexão pessoal. É a dimensão onde se manifesta de forma visível o amor, a compaixão, a prática das boas obras, e que tem sua maior expressão na orientação joanina: “Esta é a mensagem que vocês ouviram desde o princípio: que amemos uns aos outros. [...] Filhinhos, não nos limitemos a dizer que amamos uns aos outros; demonstremos a verdade por meio de nossas ações.” (1Jo 3.11,18). Entendemos que é do ponto de vista dos impactos da pandemia de COVID-19 sobre a dimensão externa da espiritualidade que se notarão as maiores mudanças no “novo normal”. Se a realidade ontológica do ser humano não sofreu variações dignas de nota, a dinâmica dos relacionamentos parece sugerir modificações, em especial se pensarmos em termos de vida eclesial.

No âmbito institucional, o impacto da pandemia sobre as igrejas evangélicas foi expressivo. Em sua obra *O impacto da pandemia nas Igrejas: Fatos e relatos de uma perspectiva pastoral*, Edivanio das Neves procurou apresentar um diagnóstico desse impacto nas igrejas brasileiras, à luz de pesquisas e entrevistas que realizou. Entre os fatos elencados estão os desdobramentos do isolamento social nas igrejas, o desenvolvimento de estratégias de conexão litúrgica e pessoal utilizando a Internet, a celebração de cultos de forma on-line e a criação de novas liturgias de culto – como o culto em sistema *drive thru* e *drive in*. A pesquisa de Neves sublinha, ainda, impactos financeiros sobre muitas igrejas sofreram, além do luto com a perda de irmãos e pastores: “As igrejas não estão imunes aos males destes séculos. Não existe uma bolha que envolve a igreja no sentido de defendê-la das adversidades atuais. O que a sociedade vive, a igreja vive, o que a família sente reflete diretamente na igreja”.⁷ Em seu estudo, Neves indica que os fiéis, em geral, ainda são muito condicionados ao exercício da fé no templo e, como os templos foram fechados, “muitos ficaram meio perdidos, sem saber como proceder”.⁸ O autor ressalta que o distanciamento dos templos levou a “um esfriamento na fé” em muitos.⁹

⁷ Disponível em: <<https://www.progresso.com.br/cotidiano/pastor-douradense-escreve-livro-sobre-o-impacto-da-pandemia-nas/382735/>>. Acesso em: 28 de mar. de 2022.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid.

Na obra *Deus e a pandemia*, o bispo anglicano N. T. Wright ratifica esse esfriamento e ressalta que o evento COVID-19 gerou desdobramentos bem práticos na espiritualidade externa cristã, à luz da nova realidade provocada pelo isolamento e pelo distanciamento decorrentes da pandemia:

Começo com o argumento de Lutero de que não devemos espalhar a infecção. Isso é irresponsável. É brincar com a vida de outras pessoas. E, se amamos mais os edifícios de nossa igreja do que nossos vizinhos, ai de nós. [...] Mas, por outro lado, temo que a igreja on-line possa facilmente nos fazer dizer: “Oh, não precisamos nos encontrar pessoalmente, porque esses são assuntos espirituais”. Então você pode adorar a Deus em seu quarto, em seu pijama, tanto quanto em qualquer outro lugar? Bem, em certo sentido, você pode. Mas o cristianismo é um esporte em equipe. É algo que fazemos juntos. Pense no fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gálatas 5.22–23). Todas são coisas que fazemos juntos. Você não pode praticar essas virtudes separadamente uma da outra. E, assim, quanto antes voltarmos juntos, com sabedoria, melhor. Quanto a receber a Eucaristia, sim, podemos fazê-lo por vídeo, mas também existe um sentimento de jejum, privação e exílio, porque o corpo de Cristo – a família maior do povo de Deus – não está fisicamente presente conosco.¹⁰

Para Wright, a pandemia não deve conduzir prioritariamente a perguntas relacionadas a condenação e julgamento – seja no sentido escatológico, seja no sentido pessoal –, mas, sim, a questionamentos relacionais e consequentes, que tratam das questões imediatas e práticas, como: qual deve ser a resposta cristã à pandemia? Como devemos pensar em Deus? Como vivemos no presente? Por que devemos lamentar? O que devemos aprender sobre nós mesmos? Como nos recuperamos? E, nesse sentido, é importante pensar em Deus como um ser presente e que age no hoje.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.christianitytoday.com/ct/2020/august-web-only/igreja-deus-pandemia-nt-wright-coronavirus-pt.html>>. Acesso em: 22 de fev. de 2022.

Quando o mundo está o caos, como está em geral, mas particularmente em momentos como agora, seria muito fácil imaginar a igreja se afastando e dizendo: “Que pena o mundo estar tão bagunçado. Mas pelo menos sabemos as respostas”. Mas não, Paulo diz que, quando o mundo está gemendo com dores de parto, então nós mesmos — que temos as primícias do Espírito, a agitação da nova criação de Deus dentro de nós — gememos enquanto aguardamos nossa adoção como filhos e filhas, a redenção de nossos corpos (Rm 8.23).¹¹

Diante dessa realidade inédita e seus desdobramentos, entendemos que uma das maiores questões geradas pela pandemia no que tange à dimensão externa da espiritualidade é a necessidade premente e urgente de os eclesiólogos buscarem respostas para o que se nos apresentou. A dificuldade maior é que a COVID-19 trouxe à tona questões importantes, mas que não têm respostas prontas nem imediatas. Apesar disso, a práxis das igrejas traz demanda com avidez.

Uma das questões é pensarmos nossa liturgia em uma era tecnológica. Não podemos fugir da realidade que se apresentou, dos cultos on-line, dos encontros de células por videoconferência, das aulas de EBD por softwares de videochamadas, da transmissão de eventos por YouTube. De que maneira esse cenário coaduna com a adoração e o culto em termos escriturísticos? Como conciliar tal realidade com orientações passadas a nós dois milênios antes do surgimento das redes sociais? Essa reflexão urge dos eclesiólogos respostas pensadas, embasadas na Palavra de Deus, fruto de diálogo e de uma visão realista da vida.

Outra questão — decorrente da primeira — é pensarmos no papel do edifício em que os encontros da família de fé ocorrem. De que maneira aquilo que chamamos “casa de Deus” mostrou ser de fato casa de Deus durante a pandemia? Que desdobramentos psicológicos, emocionais, koinônicos e espirituais a percepção de que se pode assistir — sem participar presencialmente — de um culto tem sobre o entendimento amplo acerca da presencialidade da adoração? Precisamos de respostas.

¹¹ Ibid.

Há, ainda, uma pergunta poimênica: como manter o cuidado pastoral diante de uma realidade de ausência compulsória dos locais de ajuntamento? E o que a deficiência de muitas lideranças nesse sentido falou acerca da maneira como temos pastoreado o rebanho de Cristo? O distanciamento social, associado ao medo e ao estresse decorrentes da pandemia de COVID-19, afetou a saúde mental dos brasileiros, segundo pesquisa do Departamento de Neuropsiquiatria da UFSM. E o sentimento de solidão foi identificado como a principal causa de pensamentos suicidas nesse período. A pesquisa, desenvolvida nos primeiros meses da pandemia, foi feita em duas etapas: a primeira entre maio e junho e a segunda entre junho e julho de 2020, junto a 1674 pessoas. A constatação: dentre as variáveis analisadas, a solidão foi a mais significativa.¹² E isso é grave.

Pesquisa que realizamos para a escrita do livro *A cura da solidão: O caminho para vencer a dor de se sentir solitário* mostrou que está em curso aquilo que cientistas têm chamado de uma pandemia de solidão. O estudo “Social relationships and health”. [“Relacionamentos sociais e saúde”], publicado na edição 241 da prestigiosa revista científica *Science*, mostrou que 20% dos indivíduos – o equivalente a quarenta milhões de pessoas no Brasil – sentem-se isolados o bastante para que isso seja a sua principal fonte de infelicidade. É um quadro avassalador se levarmos em consideração exclusivamente aspectos de saúde mental e física.

Diante desse quadro, é fácil enxergar a solidão como uma epidemia de proporções planetárias em andamento, o que se torna ainda mais problemático pelo fato de o isolamento social ter um impacto na saúde comprável ao efeito da hipertensão, do sedentarismo, da obesidade e do consumo de tabaco. [...] O estado de espírito que chamamos de solidão prejudica diretamente a saúde da pessoa em grande parte por derrubar as defesas imunológicas e aumentar os processos inflamatórios, o que pode levar a artrite, diabetes tipo II e doenças cardíacas letais. A solidão crônica coloca a pessoa em

¹² Disponível em: <<https://www.ufsm.br/midias/arco/setembro-amarelo-solidao-pandemia/#:~:text=O%20distanciamento%20social%2C%20associado%20ao,est%C3%A1%20necessariamente%20associado%20ao%20isolamento>>. Acesso em: 04 de fev. de 2022.

estado de alerta constante, porque, destituída de relacionamentos significativos com outras pessoas, ela tem de se defender de tudo sozinha. Como resultado, o solitário passa mais tempo com altas concentrações de cortisol, hormônio ligado ao estresse. (ZÁGARI, 2020, p. 42, 66)

Se essas consequências físicas gravíssimas são decorrentes de aspectos somatizados a partir de uma situação de abatimento emocional e espiritual gerada por solidão e distanciamento, fica claro que o papel da igreja – seja do pastor, seja do irmão na fé – é fundamental no amparo aos fiéis. E a reflexão sobre o que esse amparo significa é vital para o exercício saudável da dimensão externa da espiritualidade. Nesse sentido, as lideranças e os teólogos precisam promover o entendimento no seio do Corpo de Cristo de que a cura para a solidão somos nós mesmos, uma vez que “Solidão não tem nada a ver com a quantidade de pessoas com quem o indivíduo se relaciona, mas, sim, com a qualidade desses relacionamentos. A solidão ocorre porque a pessoa não desfruta dos relacionamentos na profundidade que gostaria.” (ZÁGARI, 2020, p. 60).

Algo que a pandemia deflagrou é a necessidade de se entender que o que mantém coeso e saudável o Corpo de Cristo não são programações, não é ativismo eclesial, não é somente a presença física no espaço de culto: são conexões relacionais saudáveis, fortes e significativas – algo que está no cerne daquilo que chamamos de cristianismo.

Precisamos cumprir nosso papel de agentes da cura. Como? Ofertando-nos ao maior número possível de pessoas, na tentativa de estabelecer conexões profundas. Se cada um de nós fizer isso, às centenas, aos milhares, é certo que a quantidade de vítimas da solidão alcançada por nosso gesto de amor será enorme. [...] A comunhão necessariamente tem de ser uma fusão emocional. É a capacidade de chorar com quem chora e se alegrar com quem se alegra não por obrigação, mas sentindo alegria verdadeira nisso. É haver uma preocupação real e profunda com o outro. É empatia. ZÁGARI, 2020, p. 107, 113.

Portanto, precisamos lidar com o fato de que as igrejas cristãs, lamentavelmente, abrigam hoje multidões de solitários, quando deveriam ser o ambiente mais acolhedor da terra. Nem mesmos pastores e líderes escapam dos horrores da desconexão relacional. E, pelo caráter contraditório que há entre a proposta do cristianismo e a realidade das igrejas, algo deve ser feito com máxima urgência a fim de resolver o problema.

Considerações finais

A COVID-19 chegou como um grito de alerta para a Igreja de Cristo, com holofotes voltados para as duas dimensões da espiritualidade cristã.

A realidade pós-pandêmica da dimensão interna aponta para a manutenção do *status* humano, prevalente desde a queda, sem mudanças significativas. Humanos seguem praticando a maldade, humanos seguem praticando a bondade. A pandemia não testemunhou avivamentos, despertamentos ou fenômenos espirituais que mereçam notas nos livros de história. Internamente, o ser humano seguiu em sua humanidade e tudo indica que continuará a seguir ao fim da pandemia. Essa constatação sublinha a necessidade de a Igreja prosseguir na sua missão, proclamando o evangelho de Jesus para a salvação dos pecadores e a ética cristã para o bem viver na realidade hodierna. É cumprir o grande mandamento, amando a Deus e ao próximo, cumprindo a Grande Comissão e compartilhando as boas-novas que o Eterno encarnado nos apresentou. A pandemia veio e se vai, mas a Igreja precisa continuar realizando o que sempre realizou, a fim de levar a Palavra de Deus a todo ouvido, atitude essencial de sementeira para que o Santo Espírito germine reconciliação com o Pai e vida eterna.

Já a realidade da dimensão exterior pós-pandêmica pede atenção e muitas reflexões. Como pensadores da teologia, é forçoso encontrarmos respostas às questões que a pandemia despertou, em especial no que tange à nossa eclesiologia. Precisamos refletir sobre o papel do templo e como isso afeta nosso ensino e nossa pregação. Precisamos refletir sobre nossas liturgias e como os avanços tecnológicos que se mostraram acessíveis e úteis em tempos

de distanciamento se incorporarão à vida eclesial pós-distanciamento. E, mais do que tudo, precisamos rever e repensar como temos nos conectado enquanto membros do mesmo Corpo, responsáveis mutuamente pela saúde emocional e espiritual uns dos outros, numa conexão que vá além dos encontros dominicais no local de culto.

O fato de a pandemia e seu distanciamento terem virado os holofotes para a solidão que há em nosso meio grita por soluções. Não é possível a Igreja se acomodar ao ver irmãos e irmãs sem conexões humanas reais e considerar que comunhão espiritual é pizza após o culto e encontros de casais. Ativismo não sana a solidão. Eventos não acalmam almas angustiadas. Sorrisos educados ao fim do culto não aquecem corações. Vidas isoladas não são disciplinadas. E isso afeta tudo na vida dos cristãos e em seu relacionamento com Deus. Nesse sentido, a pandemia de COVID-19 tem como maior desdobramento no período que virá após seu fim ter sacudido questões que estavam na gaveta, mas que são essenciais para a vida da Igreja de Cristo. Nesse sentido, Deus está falando. E nós, estamos ouvindo?

Referências Bibliográficas

BANNISTER, Andy. N. T. Wright: **A pandemia deve nos tornar humildes - e implacavelmente práticos**. Christianity Today, 10 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/ct/2020/august-web-only/igreja-deus-pandemia-nt-wright-coronavirus-pt.html>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

HOUSE, J. S. House. LANDIS, K. R. UMBERSON, D. “**Social relationships and health**”. In.: *Science*, ed. 241, p. 540-545.

KROLL, Rebeca. **Setembro amarelo: solidão na pandemia**. Revista Arco On-line, 10 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/setembro-amarelo-solidao-pandemia/#:~:text=O%20distanciamento%20social%2C%20associado%20ao,est%C3%A1%20necessariamente%20associado%20ao%20isolamento>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2022.

MAGALHÃES, Leandro. **Desvio de verba para a Covid-19 pode chegar a R\$ 300 milhões, diz CGU.** CNN Brasil, 09 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/desvio-de-verba-para-a-covid-19-pode-chegar-a-r-300-milhoes-diz-cgu/>. Acesso em: 8 de março de 2022.

NEVES, Edivanio das. **O impacto da pandemia nas Igrejas: Fatos e relatos de uma perspectiva pastoral.** Dourados: Arandu, 2021.

NONE. **Ações de ajuda humanitária promovem segurança alimentar e sanitária a famílias afetadas pela Covid-19.** FLD, 12 de agosto de 2020. Disponível em: <https://fld.com.br/capa/ecoforte/2020/acoes-de-ajuda-humanitaria-promovem-seguranca-alimentar-e-sanitaria-a-familias-afetadas-pela-covid-19/>. Acesso em: 4 de fev. de 2022.

NONE. **Iniciativas da Igreja em todo o mundo diante da pandemia.** Vatican News, 14 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-04/igreja-catolica-coronavirus.html>. Acesso em 10 de mar. de 2022.

NONE. **Pastor douradense escreve livro sobre o impacto da pandemia nas Igrejas.** O progresso digital, 24 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.progresso.com.br/cotidiano/pastor-douradense-escreve-livro-sobre-o-impacto-da-pandemia-nas/382735/>. Acesso em: 28 de março de 2022.

NONE. **Visão Mundial retoma projeto Pastores pela Vida, para apoio a líderes religiosos afetados pela pandemia.** Visão Mundial, 29 de março de 2021. Disponível em: <https://visaomundial.org.br/noticias/visao-mundial-retoma-projeto-pastores-pela-vida-para-apoio-a-lideres-religiosos-afetados-pela-pandemia>. Acesso em 15 de fev. de 2022.

ROACH, David. **Pesquisas na Internet Sobre o Coronavírus Levam Milhões a Ouvir Sobre Jesus.** Christianity Today, 9 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com/news/2020/april/pesquisas-coronavirus-covid-levam-milhes-ouvir-sobre-jesus.html>. Acesso em: 3 de março de 2022.

VALENTE, Jonas; RODRIGUES, Alex. **Violência contra mulheres cresce em 20% das cidades durante a pandemia.** Agência Brasil, 13 de agosto de 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/violencia-contramulheres-cresce-em-20-das-cidades-durante-pandemia>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2022.

WRIGHT, N. T. Wright. **Deus e a pandemia.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

ZÁGARI, Maurício. **A cura da solidão: O caminho para vencer a dor de se sentir solitário.** Rio de Janeiro: GodBooks, 2020.



Autor: Maurício Zagari é Publisher da GodBooks Editora, é editor, escritor, teólogo, comentarista bíblico e jornalista, pós-graduado em Comunicação Empresarial. Autor de 14 livros e vencedor de três Prêmios Areté.

E-mail: mauriciozagari@yahoo.com.br.



[Práxis 08 (2022) 60-66]

TONS DE UMA ECLESIOLOGIA FRAGILIZADA

Por André Borges/ Éder Calado/Cezar Flora/Valderly Arguelis

TONS DE UMA ECLESIOLOGIA FRAGILIZADA

Tons de uma realidade pandêmica

A consideração do prefixo *pós* como “garantia” ou expectativa de superação da Covid-19 é algo que ainda merece apuração e questionamento. A necessidade de um termo que permita ares de superação ainda aparece como maquiagem. Todavia, ajusta tons de esperança e alívio. De fato, com a pandemia, não é fácil experienciar a vivência aliciada por ritmos e configurações sociais e existenciais, as quais outrora não faziam parte da cotidianidade, ou seja, o isolamento, os afazeres do *home office*, as restrições culturais e comerciais calharam como ordenanças coletivas que destoaram a rotina. Entretanto, foram solicitadas em prol da segurança e da saúde em geral.

Assim, o desejo de ultrapassar essa estação viral, a qual ocasionou dissonância nos passos, nos planos e nos projetos, é algo de cunho social, e não mera convergência individualista. Boa parte da população, menos os negacionistas, aspiram por um ar de superação. Não resta dúvidas de que a vida enviesada pela realidade pandêmica foi vastamente afetada. O medo, a depressão, a ansiedade, o pavor da morte, o tédio, entre outros sintomas emocionais e físicos foram potencializados. Nesse sentido, cabe ajuizar que o vírus desnordeou a noção de tempo, de espaço, e de relações costumadas que pessoas obtinham com o mundo. A nova ambientação causada pela Covid-19 provocou redução de abraços, de toques, ou seja, maior acuidamento dos corpos em relação aos ambientes.

No entanto, vale pontuar de modo claro que acurados fatos não bancam parte de *um tempo “pós” pandêmico*, pelo contrário, vários acontecimentos problemáticos, e doentios já estavam arraigados na realidade social e, com o vírus, auferiram descomedida notoriedade midiática. Desse modo, a pandemia passou a exigir sensata revisão existencial, social, econômica e política. O momento viral afetou o mundo como um todo e alertou certa urgência diante da superficialização das ideações que se desdobram em prol do ser humano. Ficou fácil vislumbrar que os supostos valores de formação ética e moral, como a solidariedade, a empatia e o respeito, apareceram nessa

pandemia como valores velados e decadentes. Além disso, foi perceptível que, para muitos na sociedade atual, a lucratividade é ponto mais atraente do que o zelo pela vida.

No que pulsa a realidade brasileira, a Covid-19 agenciou maior notoriedade das desigualdades sociais, da escassez de políticas públicas, da vulnerabilidade sanitária e do atraso educacional diante a vertente tecnológica. Infelizmente, a fome¹, a falta de moradia e o desprezo pela dignidade humana são dificuldades ancestrais que ainda tonificam a realidade brasileira.

Complementando o abordado até aqui, abaixo segue o fragmento que a rede brasileira de pesquisa em soberania e segurança alimentar (Rede PENSSAN) apresentou do II inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil (II VISIGAN):

¹ O recorte que realizamos aqui não exclui que a fome e outras debilidades sociais humanas que abarcam o mundo não são de interesse aos desdobramentos do nosso artigo. O recorte é algo metodológico que visa objetividade do assunto. No entanto, é necessário ressaltar que justamente a fome é mazela que se apresenta de modo agravante nas duas primeiras décadas do século XXI. “Já em meados da década de 2010, a fome havia começado a aumentar, destruindo as esperanças de um declínio irreversível. Perturbadoramente, em 2020, a fome disparou em termos absolutos e proporcionais, ultrapassando o crescimento populacional: estima-se que cerca de 9,9% de todas as pessoas tenham sido afetadas no ano passado, ante 8,4% em 2019. Mais da metade de todas as pessoas enfrentando a fome (418 milhões) vive na Ásia; mais de um terço (282 milhões) na África; e uma proporção menor (60 milhões) na América Latina e no Caribe. Mas o aumento mais acentuado da fome foi na África, onde a prevalência estimada – em 21% da população – é mais do que o dobro de qualquer outra região. Também em outras medições, o ano de 2020 foi sombrio. No geral, mais de 2,3 bilhões de pessoas (ou 30% da população global) não tinham acesso a alimentação adequada durante todo o ano: esse indicador – conhecido como prevalência de insegurança alimentar moderada ou grave – saltou em um ano tanto quanto nos cinco anos anteriores combinados. A desigualdade de gênero se aprofundou: para cada 10 homens com insegurança alimentar, havia 11 mulheres com insegurança alimentar em 2020 (comparados a 10,6 em 2019). A má nutrição persistiu em todas as suas formas, com as crianças pagando um preço alto: em 2020, estima-se que mais de 149 milhões de crianças menores de 5 anos sofriam de desnutrição crônica, ou eram muito baixas para sua idade; mais de 45 milhões tinham desnutrição aguda, ou eram muito magras para sua altura; e quase 39 milhões estavam acima do peso. A alimentação saudável permaneceu inacessível para três bilhões de adultos e crianças, em grande parte devido ao alto custo dos alimentos. Quase um terço das mulheres em idade reprodutiva sofre de anemia. Globalmente, apesar do progresso em algumas áreas – como, por exemplo, mais bebês sendo alimentados exclusivamente com leite materno –, o mundo não está a caminho de atingir as metas de nenhum indicador de nutrição até 2030”. (Acesso site Unicef Brasil. 14/06/2022 .<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-ano-pandemico-marcado-por-aumento-da-fome-no-mundo>.)

O II VIGISAN, conduzido no final de 2020 pela Rede PENSSAN e parceiros, revelou que 55,2% dos domicílios brasileiros estavam em condições de Insegurança Alimentar (IA) e 9,0% conviviam com a fome. Mais do que efeitos da crise sanitária da Covid-19, tais restrições de acesso à alimentação expunham um quadro preocupante de deterioração socioeconômica e profundas desigualdades na sociedade brasileira, anterior à pandemia e agravado por ela. Esse quadro persistiu em 2021, com desemprego elevado, precarização do trabalho, perda de direitos sociais e queda do poder aquisitivo – enquanto a Covid-19 seguia ceifando vidas às centenas de milhares, num ritmo aterrorizante, chegando a mais de 660 mil mortes em abril de 2022 – fatos que revelaram para a sociedade brasileira uma autoimagem desconcertante, expressa em mazelas que se agravam e se renovam. Nesse sentido, níveis alarmantes de IA e de fome integram o contexto de crises que seguem vulnerabilizando um crescente contingente populacional, agora incorporando segmentos das camadas médias antes socialmente mais protegidas. Por outro lado, ao avanço desse ambiente de degradação social se juntaram os progressivos processos de desmonte de políticas públicas e a fragilização das instituições que formam a rede de proteção social, tanto no campo da alimentação, como no de outras condições exigidas para que se tenha uma vida digna e saudável².

Contudo, uma constituição mais coerente dessa análise social tem que admitir que tais debilidades no contexto brasileiro não são derivações somente do momento pandêmico. Pelo contrário, a pobreza, a fome, o desemprego e a desigualdade social fazem parte de um projeto político de longa estrada. Cabe lembrar que no Brasil o arcabouço político carece exorbitantemente pela permanência de *misérias*, essa que sustenta o velho sistema do *voto de cabresto* e promessas de *tons messiânicos*. Nesse sentido, cabe a todos a seriedade para não enfeitar um momento de pandemia e pós – viral.

² Rede Penssan, p. 20, 2022.

Covid-19 e Pós-Pandemia: o desespero por conceituar

Algo que aflorou nessa ocasião pandêmica foi a imediatez por conceituar, ou seja, anseio desmesurado em determinar o que de fato era *pandemia* e *pós-pandemia*. Tal desesperação englobou pensadores da esfera acadêmica, políticos, leigos, religiosos, ou seja, indivíduos de todas as esferas.

Essa imediatez despontou que, em pleno século XXI, o ser humano ainda tende outorgar respostas sem embasamentos científicos e probabilidades viáveis. Isso declara que a mera opinião (*doxa*, ou seja, crença superficial) ainda vigora com certo espaço na contemporaneidade. Ao olharmos para a realidade brasileira, no começo da pandemia, é possível verificar vários personagens contribuindo para certa imediatez³.

As implicações dessa *conceituação imediata* abalizaram para uma relativização ingênua ante o vírus. Foi através desses ajuizamentos de mera opinião que a sociedade brasileira adveio averiguar de modo mais declarado o *antificientismo* e o *obscurantismo*, esses que contribuíram em demasia para o movimento *antivacina* no Brasil. Não resta dúvida que tais questões contribuíram para uma empreitada desinformativa e simplista.

Entretanto, que fique claro, não existe nenhum problema em se posicionar e ajuizar, porém, fazê-lo com imediatez não é só ingenuidade, é também falta de amor a vida, falta de respeito as alteridades. Cabe lembrar que todo

³ O próprio presidente Jair Messias Bolsonaro e aliados de seu partido classificaram a Covid-19 como uma “*simples gripezinha*”. Embora o próprio presidente buscou negar sua lastimável fala, o site jornalístico *BBC New Brasil* procurou rastrear o imprudente comunicado. “*Durante a sua já tradicional live das quintas-feiras, o presidente Jair Bolsonaro disse que nunca chamou a covid-19 de “gripezinha” e afirmou que não existe nenhuma gravação que mostre o contrário. “A grande mídia falando que eu chamei de gripezinha a questão do covid. Não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma”, disse o presidente. Em março deste ano, no entanto, o presidente usou a expressão ao menos duas vezes publicamente. A primeira vez, em uma coletiva de imprensa, no dia 20 de março: “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?”. Quatro dias depois, voltou a usar o termo em pronunciamento nacional em rádio e TV: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”. Ele se referia a uma fala do médico Drauzio Varella, que apoiadores do presidente resgataram de um vídeo de janeiro deste ano. Mais tarde, o médico gravou novo depoimento em que reconhecia que havia subestimado o novo coronavírus (https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536)*”

posicionamento conceitual não pode cair no figurino do imediatismo. A promoção de conceitos, e de posicionamentos que envolvem a vida, a saúde, a sociedade, a política, entre outras demandas, deve fundar-se de modo sério, com pesquisa, e obter rigor científico. Até que ponto uma resposta imediata vale para sociedade? No contexto brasileiro, os números de mortes revelam o resultado de uma resposta e conceituação frágil, ou seja, mais de 650 mil mortes. A seriedade com a vida e o rejeite da mera opinião nos ofereceria um cenário menos dolente como esse.

Eclesiologia Fragilizada

Seria extremamente pertinente se na *pandemia e pós-pandemia* – Covid-19 – os olhos da sociedade pudessem apreciar na eclesiologia cristã um ambiente caritativo, misericordioso e compassivo, ou seja, onde a luta pela vida, pela saúde e ciência fossem pautas encarnadas. No entanto, os desdobramentos cristianizados – protestante e católico – que perpassaram os anos da pandemia (2020 e 2021) demonstraram uma postura eclesiástica de ética moralista, salvacionista, de pastoralidade desencarnada, longe do mundo e do ser humano que padece.

É claro que o parecer poderia ser diferente, pois a devoção confessada na pessoa de *Jesus de Nazaré* sempre transluziu o engajamento da amorosidade, da esperança e da resistência em prol da vida. No entanto, as impressões evangélicas e católicas que abrolharam nesse tempo pandêmico mostraram um cristianismo fechado, de pouco diálogo, em prol do negacionismo, do anticientificismo, em prol das teorias conspirativas. Infelizmente o argumento “*Deus acima de tudo*”, slogan que perpetuou a cristandade atual, mostrou a velha face *eclesiológica de idealidade metafísica*, essa que se manifesta sempre afastada da mundanidade e plenamente contentada com seus favoráveis litígios, e conseqüentemente fragilizada perante a própria contextura.

De certa forma, o momento pandêmico vivenciado no Brasil despontou algo para além do vírus, trouxe à tona, com feitiço gritante, o descompasso entre o caminhar da igreja e o compasso da sociedade, ou seja, demonstrou os tons

de uma fragilidade cristianizada, essa que ainda se realiza na indiferença, na falta de encarnação com a cultura, com a ciência, com a técnica e a arte. Além disso, outra fragilização exposta é o da discursividade, pois a palavra “cristã” em meio a pandemia assumiu a defesa por traços e trajes de uma discursividade moralista e escapista. Enquanto, a atual sociedade experiencia tons de uma discursividade pós-moderna, o movimento eclesiástico ainda zela por discursos teológicos medievalesco.

Essas tonalidades que estamos apontando são fatos que foram expostos e nos servem ainda para entender a igreja pós-pandemia. Assim, não tem como negar que o desafio é grande e exige que a igreja esteja pronta para a si mesmo se questionar, reformular, e que ela esteja aberta para dialogar, ponderar, considerar, e não somente concluir.

Bibliografia

II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: II VIGISAN : relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. – São Paulo, SP : Fundação Friedrich Ebert : Rede PENSSAN, 2022.

Acesso site *Unicef Brasil* - 14/06/2022 <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-ano-pandemico-marcado-por-aumento-da-fome-no-mundo>

Acesso site *bbc Brasil* – 27/06/2022- <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>



Autores:

Doutorando André Luiz Borges da Silva (UEM)

Doutorando Éder Wilton Gustavo Felix Calado (UEL)

Mestrando Cezar Augusto Flora (FTSA)

Mestranda Valderly Arguelis Cesar (FTSA)

PRÁXIS

MISSIONAL - ISSN 2595-8844



FACULDADE TEOLÓGICA
SUL AMERICANA
"Preparando vidas para servir o Reino de Deus"

